



**INSTITUTO
FEDERAL**
Pernambuco

INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO

Campus Recife

Departamento Acadêmico de Cursos Superiores - DACS

Curso de Licenciatura em Geografia

DANIEL VERÇOZA VALE

**AS TRANSFORMAÇÕES DAS PAISAGENS NA ANTIGA COMUNIDADE DE
PALAFITAS DO PINA E NO ENTORNO DO SHOPPING RIOMAR**

Recife

2023

DANIEL VERÇOZA VALE

**AS TRANSFORMAÇÕES DAS PAISAGENS NA ANTIGA COMUNIDADE DE
PALAFITAS DO PINA E NO ENTORNO DO SHOPPING RIOMAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Recife, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Msc. Clézia Aquino de Braga.

Coorientador: Prof. Dr. Aduino Gomes Barbosa.

Recife

2023

Ficha elaborada pela bibliotecária Danielle Castro da Silva CRB4/1457

V149t
2023

Vale, Daniel Verçoza

As transformações das paisagens na antiga Comunidade de Palafitas do Pina e no entorno do Shopping Riomar. / Daniel Verçoza Vale. --- Recife: O autor, 2023. 83f. il. Color.

TCC (Curso Superior de Licenciatura em Geografia) – Instituto Federal de Pernambuco, Departamento Acadêmico de Cursos Superiores. - DACS, 2023.

Inclui Referências e Apêndices.

Orientadora: Profª. Msc. Clézia Aquino de Braga.
Coorientador: Prof. Dr. Adauto Gomes Barbosa.

1. Geografia. 2. Paisagem. 3. Recife. 4. Comunidade de Palafitas. I. Título. II. Braga, Clézia Aquino de (Orientadora); Barbosa, Adauto Gomes (Coorientador). III. Instituto Federal de Pernambuco.

CDD 918.13

**AS TRANSFORMAÇÕES DAS PAISAGENS NA ANTIGA COMUNIDADE DE
PALAFITAS DO PINA E NO ENTORNO DO SHOPPING RIOMAR**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e _____ em _____ de
_____ de 2023 pela Banca Examinadora:

Clézia Aquino de Braga (IFPE/CGEO)
Orientadora, Mestra em Geografia (UFPE)

Ana Alice Freire Agostinho (IFPE/Barreiros)
Examinador Externo, Mestre em Educação (UFPE)

Wedmo Teixeira Rosa (IFPE/CGEO)
Examinador Interno, Doutor em Geografia (UFPE)

Recife

2023

Dedico esse trabalho a todos que me ajudaram a chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a minha mãe que sempre me deu apoio nas minhas decisões e escolhas, por sempre ter me apoiado nos momentos mais difíceis, fazendo com que eu nunca desistisse dos meus sonhos. Quero agradecer também ao meu pai, minha esposa e meu irmão, que sempre estiveram juntos comigo, incentivando e ajudando sem medir nenhum tipo de esforço a minha conclusão do curso de Licenciatura em Geografia.

Dedico de forma exclusiva esse parágrafo a minha esposa e companheira, Bryna Rafaela Albuquerque de Siqueira, que sempre esteve ao meu lado em tudo, mesmo nos momentos mais difíceis, sempre apoiando minhas decisões e escolhas, até mesmo as que mais pareciam aventuras.

Também gostaria de agradecer a todos os professores do curso, pois sem eles eu não conseguiria ter a visão de mundo que eu tenho hoje, além de todo o meu conhecimento adquirido ao longo do curso, em especial a Prof.^a Msc. Clézia Aquino de Braga, que se disponibilizou e dedicou-se a orientação desse TCC, além de vários outros trabalhos e projetos que fizemos ao longo do curso.

Não posso deixar de mencionar os momentos marcantes e de aprendizados que vou carregar para o resto da vida, como: as diversas aulas de campo, onde foi possível vivenciar e aprender na prática tudo o que era visto em sala de aula; os estágios obrigatórios dentro do ambiente escolar, onde vivenciamos a realidade dos docentes, discentes e todos que fazem parte da comunidade escolar, além das publicações de artigos, participações de congressos e projetos, entre outros.

Não podia deixar de mencionar Josué de Castro, indivíduo que nunca tinha ouvido falar antes de entrar no IFPE, porém, a Prof.^a Msc. Clézia Aquino de Braga, apaixonada e dedicada aos estudos dos seus legados, me apresentou suas obras.

Dedico esse parágrafos para vários amigos que eu conheci no IFPE e que eu vou levar para o resto da vida. Amigos que me ajudaram e ajudam até hoje e que sou muito grato a eles.

Foi no IFPE, no decorrer do curso, logo na minha entrada em 2016.1, que começamos a passar por um momento de instabilidade política no país, onde a instituição sofreu diversos ataques e cortes, entre os governos Temer e Bolsonaro. Vivenciamos também um período obscuro, de negacionismo contra a ciência, um

momento histórico de pandemia que muitos perderam as suas vidas, entre essas vítimas estão familiares, colegas e amigo.

“Uma criança só pode aprender quando se nutre, come, e não quando está cheia de parasitas.”

Leonel de Moura Brizola.

RESUMO

O estudo sobre a paisagem tem sido objeto de discussões e reflexões no mundo acadêmico. As discussões neste cenário ocorrem em prol das transformações ocorridas nas últimas décadas. O objetivo deste trabalho foi compreender as mudanças na paisagem da antiga Comunidade de Palafitas do Pina no entorno do Shopping Rio Mar. O estudo da paisagem teve como foco o significado da paisagem para os moradores. Para o desenvolvimento desta pesquisa foi construída uma pergunta de pesquisa: como na antiga Comunidade de Palafitas do Pina ocorreu a transformação da paisagem invisibilizada e excluída, em face das ações envolvendo os moradores e o poder público? Trata-se de uma pesquisa exploratória, o que permite, portanto, aliar as vantagens de se obter os aspectos qualitativos das informações e à possibilidade de quantificá-los posteriormente. Esta associação realiza-se em nível de complementaridade, possibilitando ampliar a compreensão e resultados do objeto de estudo. A etapa percorrida contou com o levantamento bibliográfico, momento de entrosamento do pesquisador com o conhecimento que o torna capaz a avultar jeitos e *Know-how* e problematizar o tema e, assim coadjuvar na definição de categorias a serem laboriosas no objeto de estudo. A respeito do levantamento documental, constitui-se na busca de imagens do *Google Earth* e *Google Maps*, visto que, a análise que cabe as evoluções das paisagens foi percebida e concretizada através desse recurso. A análise levou em consideração a escala temporal tomando como base as mudanças e transformações ocorridas nas ultimas décadas do século XX e início do século XXI. Foi realizada pesquisa de campo e, neste cenário foi aplicada entrevista semiestrutura com um quantitativo de cinco questões sendo: três questões de identificação sobre faixa etária, tempo de residência e principal atividade econômica, duas questões subjetivas sobre o significado da paisagem e sobre os impactos da comunidade de palafitas. Como resultados obtidos, os dados analisados neste estudo indicaram que os impactos negativos foram monstruosos no cotidiano de vida da comunidade atingida. A paisagem foi excluída fisicamente, porém, continua viva na memória das pessoas.

Palavras-chave: paisagem; recife; comunidade de palafitas.

ABSTRACT

The study of the landscape has been the subject of discussions and reflections in the academic world. The discussions in this scenario occur in favor of the transformations that have occurred in recent decades. The objective of this work was to understand the changes in the landscape of the old Community of Palafitas do Pina in the surroundings of Shopping Rio Mar. The study of the landscape focused on the meaning of the landscape for the residents. For the development of this research a research question was constructed: how in the old Community of Palafitas do Pina occurred the transformation of the invisible and excluded landscape, in the face of actions involving the residents and the public power? This is an exploratory research, which allows, therefore, to combine the advantages of obtaining the qualitative aspects of the information and the possibility of quantifying them later. This association is carried out at the level of complementarity, making it possible to broaden the understanding and results of the object of study. The stage covered included the bibliographic survey, a moment of interaction of the researcher with the knowledge that makes him able to increase ways and know-how and problematize the theme and, thus, assist in the definition of categories to be laborious in the object of study. Regarding the documentary survey, it is constituted in the search of images of Google Earth and Google Maps, since the analysis that fits the evolutions of the landscapes was perceived and concretized through this resource. The analysis took into account the temporal scale based on the changes and transformations that occurred in the last decades of the twentieth century and the beginning of the twenty-first century. Field research was conducted and in this scenario a semi-structured interview was applied with a quantitative of five questions: three identification questions about age group, length of residence and main economic activity, two subjective questions about the meaning of the landscape and about the impacts of the stilt community. As a result, the data analyzed in this study indicated that the negative impacts were monstrous in the daily life of the affected community. The landscape was physically excluded, but it lives on in people's memories.

Keywords: landscape. recife. community of stilts.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-------------|--|----|
| Figura 1 – | Bacia do Pina e seu entorno (Recife) | 22 |
| Figura 2 – | Bacia do Pina e a antiga Fábrica da Bacardi no ano de 1969 | 28 |
| Figura 3 – | Bacia do Pina, Fábrica da Bacardi e o surgimento de novas habitações fotografada no ano de 1973..... | 28 |
| Figura 4 – | Extensões e limites do Bairro do Pina e dos bairros fronteiriços | 32 |
| Figura 5 – | Ponte Governador Paulo Guerra e Ponte Governador Agamenon Magalhães | 33 |
| Figura 6 – | Bonde passando na Ponte do Pina e postes de iluminação elétrica na década de 1920 | 40 |
| Figura 7 – | Calçadão da Praia do Pina | 41 |
| Figura 8 – | Ônibus parados no bairro do Pina no ano de 1957 | 42 |
| Figura 9 – | Casas na orla da Praia do Pina no ano de 1957 | 43 |
| Figura 10 – | Barracas na orla do Pina | 44 |
| Figura 11 – | Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário e parte do bairro do Pina na década de 1940 | 45 |
| Figura 12 – | Antiga Fábrica da Rum Bacardi no ano de 1962 | 49 |
| Figura 13 – | Obras na Bacia do Pina no ano de 1966 | 50 |
| Figura 14 – | Imagem aérea da Bacia do Pina no ano de 1976 | 51 |
| Figura 15 – | Visita de Inspeção do Secretário de Obras Pedro Duene as instalações da ponte no Pina no ano de 1981 | 52 |
| Figura 16 – | Imagem aérea de parte do bairro do Cabanga, Pina e Brasília Teimosa no ano de 1999 | 54 |
| Figura 17 – | Imagem de satélite da antiga comunidade de Palafitas da Bacardi em destaque no ano de 2009 | 56 |
| Figura 18 – | A invisibilidade da antiga Comunidade de Palafitas do Pina | 58 |
| Figura 19 – | Bacia do Pina e os bairros no seu entorno no ano de 2004 | 59 |

| | | |
|-------------|---|----|
| Figura 20 – | Imagem de satélite destaca o desaparecimento da antiga comunidade de Palafitas da Bacardi, a presença do Shopping RioMar e da alça da Ponte que dá acesso à Via Mangue no ano de 2012 | 61 |
| Figura 21– | Tubulação ativa de esgoto despejando dejetos diretamente nas águas da Bacia do Pina | 62 |
| Figura 22 – | A dimensão das Palafitas no ano de 2011 as margens do rio com a chegada do Shopping RioMar | 63 |
| Figura 23 – | Aumento gradativo da antiga Comunidade de Palafitas do Pina no ano de 2014 | 64 |
| Figura 24 – | Crescimento do número de famílias no rio no ano de 2015 | 64 |
| Figura 25 – | A verticalização das Palafitas do Pina | 65 |
| Figura 26 – | Estrutura das antigas palafitas | 66 |
| Figura 27 – | Incêndio na antiga Comunidade de Palafitas do Pina .. | 67 |
| Figura 28 – | Comunidade de Palafitas do Pina após o incêndio | 68 |
| Figura 29 – | Retirada das últimas casas da Comunidade de Palafita | 69 |
| Figura 30 – | Área da antiga Comunidade de Palafitas do Pina após a limpeza | 69 |
| Figura 31 – | O grafite estampado na paisagem alternativa e excluída da antiga Comunidade de Palafitas do Pina ... | 74 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|------------|---|----|
| Quadro 1 – | Identificação dos sujeitos pesquisados: média de idade e atividade | 19 |
| Quadro 2 – | Escolas da Geografia que contribuíram para o conceito de paisagem | 25 |
| Quadro 3 – | Qual o seu sentimento com a exclusão da comunidade?..... | 71 |
| Quadro 4 – | Qual o seu sentimento com a exclusão da comunidade?..... | 71 |
| Quadro 5 – | Como você pode descrever os impactos no seu cotidiano após a retirada da comunidade do rio? | 73 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|---|
| EIA | Estudo de Impacto Ambiental |
| FUNDAJ | Fundação Joaquim Nabuco |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| PREZEIS | Plano de Regulamentação de Zonas Especiais |
| RIMA | Relatório de Impacto Ambiental |
| ZEIS | Zonas Especiais de Interesse Social |

SUMÁRIO

| | | |
|------------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 15 |
| 2 | A CAMINHADA METODOLÓGICA | 18 |
| 3 | CAMINHOS DO ESTUDO CONCEITUAL DA PAISAGEM NAS LENTES DA GEOGRAFIA | 21 |
| 3.1 | A GEOGRAFIA HUMANA E CULTURAL | 27 |
| 4 | ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO BAIRRO DO PINA | 32 |
| 4.1 | A DINÂMICA DA PAISAGEM NO FINAL DO SÉCULO XIX E DO SÉCULO XX NO BAIRRO DO PINA | 37 |
| 5 | AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ANTIGA COMUNIDADE DE PALAFITAS DO PINA E NO SEU ENTORNO NO SÉCULO XXI | 56 |
| 5.1 | ENTREVISTA COMO OS EX-MORADORES DA ANTIGA COMUNIDADE DE PALAFITAS DO PINA | 70 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 76 |
| | REFERÊNCIAS | 79 |
| | APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ANTIGOS MORADORES DA COMUNIDADE DE PALAFITAS DO PINA | 83 |

1 INTRODUÇÃO

A Paisagem é uma categoria de análise da Geografia que contribui no estudo e percepção do espaço geográfico a partir de um aspecto específico. É definida como tudo aquilo que nós podemos distinguir e decifrar através dos nossos sentidos (visão, audição, olfato, tato e paladar) em um determinado lugar. As paisagens são modificadas aos longos dos séculos e são capazes de apresentar apetrechos materiais de distintas temporalidades.

Estudar a paisagem é instigar o pensamento de que a Geografia está em toda parte, é composta por objetos naturais e artificiais, “fonte constante de beleza e feiura, de acertos e erros, de alegria e sofrimentos, tanto quanto é de ganho e perda” (COSGROVE, 1998, p. 98).

A partir da classificação das paisagens dominantes e alternativas desenvolvidas por Dênis Cosgrove, trataremos reflexões sobre como a paisagem da antiga Comunidade de Palafitas na Bacia do Pina, nas vizinhanças do Shopping RioMar, sobretudo, acerca de um grupo que participava da paisagem como um modo de vida próprio, a pesca.

Pensar a paisagem urbana numa escala temporal é entender que o recorte espacial da Bacia do Pina, especificamente da Comunidade de Palafitas na vizinhança do Shopping RioMar, é de um grande importância, pois os grandes empreendimentos que ocuparam esse espaço apresentam interesses hegemônicos e além disso, associado à urbanização da cidade, o crescimento populacional causou mudanças substanciais na paisagem.

Dessa forma, refletir que o bairro é um corpo com uma pluralidade de significados, uma localidade de quereres, de interesses hegemônicos, como também da sociedade em si, das vivências de grupos distintos é uma realidade que merece uma boa discussão.

Para adicionar nossa análise podemos afirmar que a

paisagem urbana se torna cada vez mais dinâmica resultado da transformação e adaptação do meio pela sociedade, traduzindo as características da produção espacial e refletindo segregações e descontinuidades de tempos históricos materializados (SHISHITO, 2017, p.17).

Refletindo as palavras do autor podemos mencionar que as contribuições da Geografia no estudo da paisagem propiciam um leque de oportunidades,

aprofundamento da temática, novas abordagens sobre os tipos de paisagens, além da compreensão acerca das mudanças e transformações da paisagem excluída, composta por grupos que apresentam um modo de vida diferenciado.

Outro fator relevante nesta pesquisa é que são poucos os trabalhos sobre a paisagem excluída das palafitas na vizinhança do Shopping RioMar, o que não ocorre com as Comunidades do Bode, Brasília Teimosa e Ilha de Deus. O estudo propicia ao mundo acadêmico e à própria sociedade revelações de um modo de vida, processos de povoamento, distribuição das populações, memórias afetivas de gerações pretéritas e presente.

O diálogo geográfico sobre a paisagem envolve atores hegemônicos e a população local que habitava no rio. A paisagem é um conceito valioso. Por isso, o estudo caminha na análise da paisagem invisibilizada e paisagem excluída. É neste campo conceitual que a pesquisa procura corroborar.

Diante do exposto surgiram inquietações a respeito da antiga Comunidade de Palafitas na Bacia do Pina na vizinhança do Shopping RioMar, então, pergunta-se: como na antiga Comunidade de Palafitas do Pina ocorreu a transformação da paisagem invisibilizada e excluída, em face das ações envolvendo os moradores e o poder público? uma paisagem invisibilizada para uma paisagem excluída? Com base na inquietações sobre a antiga Comunidade de Palafitas foram elaborados os objetivos da pesquisa.

O objetivo geral da pesquisa é compreender as mudanças na paisagem da antiga Comunidade de Palafitas do Pina no entorno do Shopping Rio Mar. A estruturação do objetivo fomentou interpelações sobre a paisagem, reflexões e atributos desse princípio geográfico, sobretudo, a elaboração dos objetivos específicos para uma maior riqueza de detalhes, elencados a seguir:

- Caracterizar o recorte da paisagem em estudo, considerando os aspectos dos ambientes naturais, do espaço construído e do contexto socioeconômico;
- Analisar temporalmente a constituição da comunidade de Palafitas do Pina como paisagem invisibilizada;
- Analisar as ações referentes à retirada da comunidade e as respectivas contradições daí decorrentes.

Nosso propósito epistemológico é, portanto, compreender as mudanças na paisagem da antiga Comunidade de Palafitas do Pina no entorno do Shopping RioMar, no modo de vida, nos movimentos de resistências pela população local, nas disputas

dos atores hegemônicos pela paisagem dominante e no papel da sociedade em relação à comunidade.

A motivação para desenvolver este trabalho num recorte espacial do bairro do Pina precisamente, na Comunidade de Palafitas, justifica-se pelo fato de ter participado do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) sobretudo, o estudo realizado a respeito da invisibilidade da comunidade e assim, produzir um produto acadêmico sobre a paisagem e seus significados. Verificamos que esse tipo de estudo incentivou a explorar o tema e transformá-lo na edificação do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, no curso de Licenciatura em Geografia do IFPE-Recife.

O presente trabalho organizou-se da seguinte forma: a seção 1 apresenta a temática da paisagem, objeto de pesquisa, objetivos, justificativa e o cenário da pesquisa. A seção 2 discute a caminhada metodológica, classificação da pesquisa, descrição dos instrumentos, estratégia para coleta de dados e identificação dos sujeitos pesquisados. A seção 3 aborda os caminhos do estudo conceitual da paisagem na lentes da Geografia. A seção 4 apresenta os aspectos históricos e Geográficos do bairro do Pina. A seção 5 elenca as transformações da paisagem da antiga Comunidade de Palafitas do Pina e seu entorno. A seção 6 traz as considerações finais do trabalho, seguido das referências e apêndice.

2 A CAMINHADA METODOLÓGICA

Neste tópico intenciona-se detalhar as etapas desenvolvidas nesta pesquisa. Entendemos que no desenvolver desse estudo exploratório de cunho qualitativo os sujeitos pesquisados corroboraram significativamente com os resultados da pesquisa, como também outros processos, bancos de dados de imagens nas distintas situações cotidianas que necessitem de uma dinâmica própria de organização e produção do tópico em foco.

Segundo Gil (2002, p. 41) “pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito”.

Inicialmente, elaborou-se um questionário semiestruturado de identificação aos ex-moradores da Comunidade de Palafitas do Pina. O questionário contou com a participação de apenas dez sujeitos devido a dispersão da população após o incêndio. Quanto ao gênero dos sujeitos, contou com a participação de sete homens e três mulheres. Foram elaboradas cinco perguntas que averiguaram a faixa etária do grupo, tempo de residência, atividade econômica, o sentimento da população em relação a retirada da comunidade, os impactos e suas consequências após serem distribuídos para outros bairros e municípios.

Quanto a estruturação dos pontos de vistas e o procedimento das informações, ou seja, das vozes dos sujeitos entrevistados, temos como referência a técnica da análise de conteúdo fundamentada na proposta de Bardin que por via de regra, assim se designa:

Conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadoras (quantitativo ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Fotografias e quadros colaboraram na organização de dados e para obtenção dos resultados. A aplicação do instrumento em tela ocorreu debaixo da ponte na bacia do Pina. Neste cenário foram registradas imagens da geografia local com máquina fotográfica profissional do modelo Canon T7I.

As respostas dos entrevistados foram organizadas em quadros. O Quadro 1 apresenta a faixa etária e gênero dos sujeitos entrevistados:

Quadro 1 - Identificação dos sujeitos pesquisados: faixa etária e gênero

| Moradores | Faixa etária | Gênero |
|------------------|---------------------|---------------|
| M1 | 50-60 anos | Masculino |
| M2 | 50-60 anos | Feminino |
| M3 | 50-60 anos | Masculino |
| M4 | 20-30 anos | Masculino |
| M5 | 50-60 anos | Feminino |
| M6 | 40-49 anos | Masculino |
| M7 | 30-40 anos | Masculino |
| M8 | 50-60 anos | Masculino |
| M9 | 50-60 anos | Feminino |
| M10 | 40-50 anos | Masculino |

Fonte: autor (2023).

Nessas etapas foram elencadas categorias de análise para uma melhor compreensão dos resultados da pesquisa.

Os entrevistados foram representados por letra maiúscula e números. Exemplo: M= morador e o número que corresponde a ordem dos entrevistados. Exemplo: M1, M2, M3 etc.

Na segunda etapa foram selecionadas imagens online das paisagens do local de estudo, como Google Maps, Google Earth, site da Prefeitura do Recife, Revista de Pernambuco, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Folha de Pernambuco e Jornal do Commercio, entre outros.

Já na terceira etapa, foram realizados levantamentos fotográficos em diferentes instituições, tais como: Museu da Cidade do Recife, Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) e a Autarquia de Urbanização do Recife (URB). Com relação à pesquisa e ao processo de aquisição de fotos do Museu da Cidade do Recife, foi um procedimento simples, de modo que foi realizada uma seleção de imagens datadas da década de 1980. Já na Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), a pesquisa e seleção de imagens ocorreu de forma mais detalhada e minuciosa, devido principalmente às grandes quantidades de imagens fotográficas que o acervo da instituição detém. Na Fundaj foram selecionadas dezenas de imagens fotográficas das décadas de 1960 e 1970, em que, conseqüentemente levou um período de cerca de um mês para concluir a seleção e a obtenção das imagens. Por último, a pesquisa e levantamento de imagens na URB foi mais complexa e demorada, pois, a maioria das pastas com as imagens fotográficas não estavam nomeadas com os locais, de modo

que foi necessário ser realizada uma análise de milhares de fotografias para obter as que estavam sendo pesquisadas. Foi possível obter na URB, imagens da década de 1990.

Também foi utilizado no processo de construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a revisão de literatura. Foram usados como base o livro Quadro Geográficos (escrito pelo autor Paulo Cesar da Gomes Costa) e o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) da construção da Via Mangue, elaborado pela empresa Consulplan Consultoria e Planejamento LTDA. Além das literaturas citadas acima, foram utilizados diversos outros livros, artigos científicos, dissertações de mestrado etc.

3 CAMINHOS DO ESTUDO CONCEITUAL DA PAISAGEM NAS LENTES DA GEOGRAFIA

No século XIX o estudo da paisagem versava de maneira descritiva com foco na natureza do ponto de vista de suas formas e aplicabilidade. Segundo Gomes (2017, p. 45), Humboldt utilizou gravuras descritas na primeira publicação das suas obras, associadas à um quadro físico nas regiões equinociais, no qual foi realizado um desenho colorido feito à mão.

Na visão de Humboldt, a ideia de raciocinar através dos quadros era primordial, considerando um pequeno grupo de elementos. Suas pesquisas feitas em diferentes partes do mundo continham diversas gravuras e descrições, que eram detalhadas nas suas obras publicadas e apresentavam diferentes fenômenos naturais existentes nos mais variados locais.

Humboldt fez uso da palavra *Naturgemälde* para se referir ao quadro físico, pois a tradução da palavra escrita em alemão para o francês significa quadro físico (Humboldt compreendia muito bem os dois idiomas – alemão e francês).

O estudioso utilizou em suas obras a palavra *Naturgemälde*, relatando desenhos de montanhas, vulcões, rochas, vegetações etc., sempre com as descrições ao lado dos desenhos, contendo os níveis de altitudes, variações de animais e de plantas, variação do ar, de forma a facilitar o entendimento e a compreensão das publicações. Dessa forma, a *Naturgemälde* é tida como um conceito que consegue ativar o pensamento dos indivíduos, fazendo uma conexão com os elementos diversos que estão presentes em um determinado local (GOMES, 2017, p. 37).

Para o autor, um mapa pode ser considerado um quadro, pois, é ali que está presente uma apresentação da superfície, dos lugares e dos elementos, sendo o instrumento primordial para o pensamento geográfico. Além do mapa, Humboldt considera como um quadro: desenho, croquis, cartograma, blocos-diagramas, fotos, esquemas, pinturas, descrições, entre outros (GOMES, 2017, p. 36-37).

Humboldt realizou suas pesquisas em diversas partes do mundo, por meio de viagens nas quais fez inúmeras gravuras e descrições detalhadas nos seus trabalhos publicados, apresentando diferentes fenômenos físicos naturais existentes nos mais diferentes locais. Essas obras de Humboldt enriqueceram bastante a ciência com suas publicações inéditas, encantando até mesmo indivíduos que não eram estudiosos (GOMES, 2017).

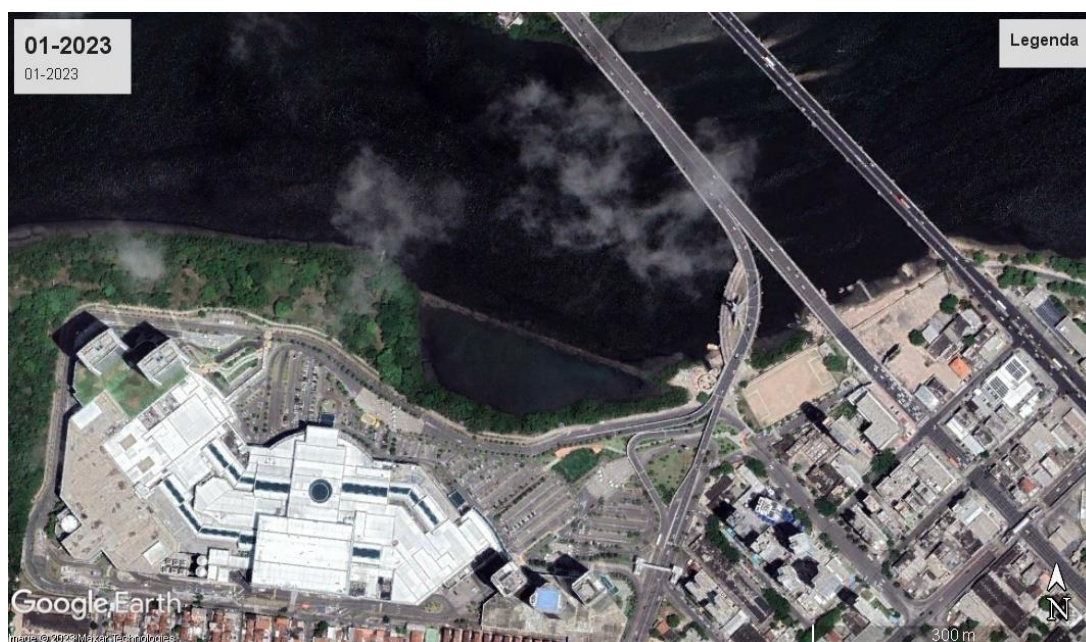
As imagens utilizadas por Humboldt desenhadas à mão servem como ferramentas essenciais para o avanço de uma racionalidade geográfica, de acordo com as obras do autor. Os termos utilizados nas obras do autor supracitado sempre remetiam as questões visuais, tais quais: vistas, contemplação, imagens, cenas, aparecimentos, verdejantes, transparentes, aclaradas, azuis, veladas etc. (GOMES, 2017, p. 48).

Para Humboldt, as imagens possuem um papel central, porém os textos são complementares à elas, pois as imagens utilizadas de formas isoladas não são suficientemente autoexplicativas, sendo necessária uma organização dos dados recolhidos, exibindo-os em um “quadro”, fazendo comparações e combinações, buscando o entendimento dos fenômenos.

O modelo de quadro feito por Humboldt pode ser considerado um sistema de informações geográficas (GOMES, 2017, p. 51-56).

A seguir apresentaremos o quadro geográfico da Bacia do Pina (de acordo com o pensamento de Humboldt) através do sistema do *Google Earth*.

Figura 1 – Bacia do Pina e seu entorno (Recife)



Fonte: Google Earth (janeiro de 2023)¹.

A Figura 1 retrata a Bacia do Pina e parte do bairro do Pina. É possível observar um grande processo de urbanização e ocupação do solo, assim como a retirada das vegetações do entorno da Bacia, porém, em conformidade com Humboldt é preciso coletar dados sobre aspectos como o clima, solo, relevo, os tipos de

¹ Imagem captura do programa Google Earth 05 de janeiro de 2023.

vegetações existentes, quais os tipos de peixes e crustáceos que habitam na região e a qualidade da água, tecendo comparações e combinações para compreender os fenômenos, entre outras informações e conhecimentos que dizem respeito aos quadros geográficos que são a paisagem.

Utilizando os dados publicados pela empresa Consulplan Consultoria e Projetos LTDA, no ano de 2009, responsável pelo Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) do projeto da Via Mangue (projeto que será bastante utilizado no decorrer do trabalho), é possível afirmar que o clima predominante na área é o clima quente úmido pseudo-tropical, classificado como As'^2 na escala de Köppen. Já com relação as vegetações encontradas no manguezal, existem uma variedade, entre elas estão: *Rhizophoramangle* (mangue vermelho), *Laguncularia racemosa* (mangue branco), *Avicenniagerminans* e *A. schaueriana* (mangue preto) etc. Os tipos de peixes encontrados: *Mugilcurema* (tainha), *Mugilliza* (curimã), *Centropomusundecimalis* e *C. paralellus* (camurim), *Eugerresbrasilianus* (carapeba), *Eucinostomus gula* (carapicu) etc. A respeito das águas da Bacia do Pina, consta que recebem uma grande carga de poluição orgânica (RIMA, 2009).

Juntando a Figura 1 acima e as descrições textuais, temos a formação de um quadro geográfico físico, como é abordado por Humboldt. Também é viável construir um quadro geográfico físico através da junção das imagens e descrições de todas as informações coletadas no campo de pesquisa, e apresentá-las em um formato gráfico.

Durante a pesquisa de um trabalho ligado ao quadro geográfico físico, é importante focar também na captação dos dados disponíveis no campo, mantendo todo o cuidado para que as informações coletadas estejam corretas, com o propósito de ganhar bastante relevância na produção do trabalho.

Por isso, a noção de quadro foi fundamental para a geografia de maneira geral, pois, trouxe uma nova maneira de pensar e de construir, que foi justamente a percepção de Humboldt de unir as imagens com as descrições textuais, tendo em vista que até aquele momento os outros autores apenas faziam relatórios textuais do que eram vistos.

Essa nova forma de pensar a Geografia, conseguiu atrair pessoas de diversas áreas, até mesmo os que não eram ligados à ciência, visto que a forma que Humboldt trabalhou a questão da paisagem na Geografia conseguia estimular o raciocínio e um

² O Clima As' na escala Köppen refere-se ao clima tropical quente e úmido, predominante no litoral oriental do Nordeste (MELLO, 1973; GOLFARI *et al*, 1978 apud EMBRAPA, 1986; 1988).

melhor entendimento.

Uma das obras de Humboldt “Ensaio sobre a geografia das plantas”, expõe a complementação dos textos juntamente com as imagens, onde o autor fala sobre as relações existentes entre as plantas e as altitudes, nas mais diversas localidades do globo, além dos desenhos feitos à mão das montanhas, contendo as escalas térmicas, barométricas, hidrométricas etc., classificados pelo mesmo como Quadro (GOMES, 2017).

Pode ser considerado um quadro geográfico físico a junção de imagens com descrições textuais ou gráficas, de maneira que um acaba complementando o outro, onde o primeiro tem o poder de exibição da paisagem de um determinado ambiente, e o segundo acaba sendo acrescentado com dados que não estão visíveis, evitando um vazio de informações, como por exemplo: em uma imagem de um determinado local é impossível saber a temperatura, a altitude, o tamanho da cobertura vegetal, entre outros, porém, a imagem combinada com as descrições, torna-se algo completo e de fácil entendimento físico (GOMES, 2017, p. 45-46).

Nesse contexto o conceito de paisagem começa a receber um novo entendimento nos distintos países do continente europeu (MACIEL; LIMA, 2011). Dentro dessa perspectiva seguiremos apresentando as principais escolas da Geografia e suas relevantes contribuições para o conceito de paisagem. Apresentaremos no quadro 2 as discussões sobre o conceito de paisagem:

Quadro 2 - Escolas da Geografia que contribuíram para o conceito de paisagem

| ESCOLAS DA GEOGRAFIA QUE CONTRIBUÍRAM PARA O CONCEITO DE PAISAGEM | |
|--|--|
| Germânica | A corrente Germânica produziu e publicou trabalhos sobre o conceito de paisagem com inovações técnicas fundamentadas na cartografia geográfica. Além disso, a Escola Germânica inseriu o conceito de paisagem como categoria científica, sendo entendida como aspecto natural e humano até a década de 1940. |
| Francesa | Um dos principais teóricos da Escola Francesa, Vidal de La Blache, estabeleceu como componentes fundamentais a estruturação e o desenvolvimento dos conhecimentos geográficos: como os aspectos importantes dos <i>payse</i> regiões, os objetos da natureza e das práticas humanas (CHRISTOFOLETTI, 1999 apud MACIEL; LIMA, 2011, p. 162). De acordo com Guerra (2006, apud MACIEL; LIMA, 2011 p. 162), a palavra região serviu como base para a geografia francesa durante um grande período, sendo utilizado nos seus aspectos físicos, estruturais e climáticos, além da relação dos domínios específicos das vegetações. |
| Antiga URSS | Era tida como uma escola científica mais fechada que as outras, porém, a escola foi responsável por ofertar novas análises a respeito dos elementos da natureza, no qual estabeleceram o Complexo Natural Territorial (CNT), que se inclui os métodos físicos, químicos e bióticos, utilizando a vegetação como componente que consegue diferenciar os inúmeros tipos de unidades de paisagens e solos, como consequência da correlação entre o relevo, clima e vegetação. O principal responsável por essa abordagem foi Dokoutchaev, ainda no início do século XX. |
| Anglo Americana | Foi durante a década de 1940 nos EUA que o termo região começou a ser utilizado, pois, até então, o termo Landscape, que estava em uso devido a influência (Carl Sauer), pela ideia de "região" (Richard Hartshorne), sendo um conjunto de fatores abstratos deduzidos da realidade da paisagem e da ação antrópica (SCHIER, 2003). O estudo da paisagem era pautado na evolução das formas de relevo, sobretudo, teve como evidência os trabalhos de Grove Karl (1880) e de William Morris Davis (1889). |

Fonte: Adaptado de Lima e Maciel (2011).

Como citado anteriormente, a paisagem no século XIX teve um estudo pautado de maneira descritiva e aponta que, em sua aplicabilidade estético- descritiva, o termo paisagem teve seu desenvolvimento pioneiro relacionado com o paisagismo e com a arte dos jardins (CHISTOFOLLETI, 1999).

Em consideração a isso, pode-se compreender que na virada do séculoXX houve predisposições para as descrições dos objetos físicos das paisagens, com destaque nas feições topográficas em relação aos aspectos das atividades econômicas. Em conformidade com Christofolleti (1999), o conceito de Lanschaft é percebido como uma unidade territorial, e sua valorização se dá principalmente em focalizar as formas e a cobertura vegetal, fato este que abriu caminho para o estabelecimento das distinções entre as paisagens naturais e paisagens culturais.

Entre os séculos XIX e XX (durante o período positivista), a paisagem perde importância e só ressurgiu no decorrer do século XX em variados ramos da Geografia, tais como: a Biogeografia, a Geografia Humana, além dos movimentos críticos ao positivismo. A paisagem ainda continuou para um ramo da Geografia, sendo considerada apenas como parte da superfície da Terra, diferentemente da Geografia Humana que elevou o sentido de paisagem, passando a ser considerada um local visto e sentido, abstrato e arquitetado mentalmente (SALGUEIRO, 2010, p. 37).

No decorrer do século XX existiu uma ruptura das duas correntesgeográficas (Física e Humana), levando à preocupação dos estudiosos. A paisagem apareceu como um conceito de junção entre correntes, pois conseguia unir as duas correntes divergentes em uma área de estudo (SALGUEIRO, 2001, p. 42).

No período das duas grandes guerras mundiais durante o século XX (Primeira e Segunda Guerra Mundial), o debate sobre paisagem atingiu seu ápice, ao ganhar uma importância estratosférica, de modo que existiu uma seção especial para a paisagem geográfica nos Congressos Internacionais de 1934 e 1938. Também foi a partir do século XX que a paisagem voltou a ganhar destaque e as publicações aumentaram, principalmente os estudos sobre a paisagem urbana, em razão da intensa exploração de recursos (SALGUEIRO, 2001, p. 43).

Em uma breve análise da evolução sobre o debate das paisagens, se torna evidente que o seu uso foi expandido para diversas outras áreas, ganhando cada vez mais importância e espaço, tanto no ramo da Geografia como em vários outros.

Ao final do século XX e início do século XXI as paisagens urbanas foram modificadas, e após anos de atividades industriais, vêm passando por um processo

de reconfiguração. As ações nos centros urbanos foram projetadas por interesses do capital ou por decisões de políticas públicas. Os grupos dominantes optaram por reconstruir as paisagens urbanas ditas degradadas, levando em consideração os interesses do capital e o narcisismo de memórias coletivas previamente selecionadas (CIVALE; MARTINS, 2017).

Nos grandes centros urbanos esse fenômeno de transformações das paisagens é visto de forma flagrante com diversas consequências, em busca de privilegiar os interesses políticos e do capital privado, causando expulsão e a exclusão de determinados grupos menos favorecidos, além de mudanças de cultural de uma determinada área.

A questão da Geografia Humana e Cultural será debatida na próxima subseção de maneira mais aprofundada.

3.1 A GEOGRAFIA HUMANA E CULTURAL

A paisagem desde os primórdios sempre esteve intimamente ligada à geografia humana, com a cultura, com a percepção de formas visíveis sobre a superfície terrestre e com sua formação. (COSGROVE, 1985, p.223).

Nesse sentido pode-se entender que o estudo da paisagem tem como resultado um conjunto de fatores de ordens naturais e humanas, na medida em que as novas relações humanas vão se estabelecendo e gerando rupturas, e é exatamente neste contexto que as paisagens sofrem transformações.

As alterações nas paisagens ocorrem de formas constantes e ininterruptas, podendo ser em um intervalo de milênios, séculos, décadas, anos, meses, dias ou até mesmo em algumas horas. A seguir serão exibidas duas imagens do mesmo espaço como exemplo de transformações das paisagens, em diferentes períodos:

Figura 2 – Bacia do Pina e a antiga Fábrica da Bacardi no ano de 1969



Fonte: Fundaj (dezembro de 1969)³.

A Figura 2 retrata a Bacia do Pina, a antiga Fábrica da Bacardi (em plena atividade), além das grandes áreas disponível no entorno da fábrica no ano de 1969. A seguir, a Figura 3 retratará a mesma área fotografada, porém, em períodos distintos.

Figura 3 – Bacia do Pina, Fábrica da Bacardi e o surgimento de novas habitações fotografada no ano de 1973



Fonte: Fundaj (1973).

A Figura 3 foi capturada no ano de 1973 e retrata a mesma área da Figura 2, entretanto, em um espaçamento de tempo de 4 anos de diferença, no qual é possível

³ Fotografia consultada na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj).

analisar de forma temporal as transformações que ocorreram na paisagem em um curto período. Na Figura 2, a Fábrica da Bacardi (que ainda estava em funcionamento na época) aparece cercada de terrenos livres. Já na imagem 3, a Fábrica já se encontra cercada por dezenas ou centenas de moradias.

A paisagem possui uma ligação muito forte com a cultura, assim como ocorreu na Geografia Humana Americana, em que foi criada uma Escola de Geografia da Paisagem ainda na primeira metade do século XX. Isso se deu depois das obras publicadas por Carl Sauer, objetivando a transformação dos indivíduos sobre a superfície terrestre, nas formas visíveis como nas casas, construções em fazendas, praças erguidas nas cidades, padrões de campos, entre outros, além das formas não visíveis que foram mais analisadas na Inglaterra, como os nomes de lugares que buscavam esclarecer influências de culturas anteriores (COSGROVE, 1985, p. 224).

Para Cosgrove (1985, p. 225), a cultura é estabelecida pela consciência e pelas práticas dos seres humanos, nas quais podem existir mudanças na cultura, sejam de forma mais lenta ou de forma mais acelerada.

A abordagem da cultura está intimamente ligada à paisagem, como citado acima, em que ambas acabam sofrendo mudanças. Para Cosgrove (1988, p.102-103), toda ação do ser humano na natureza acarreta uma alteração na cultura, contudo, nem sempre essas modificações ficam tão perceptíveis, principalmente as transformações culturais, como a cultura da pesca, por exemplo.

Todos os tipos de paisagens citadas acima por Cosgrove estão inseridas no nosso cotidiano, podendo ser visualizadas através da janela de nossas residências, no nosso trajeto para o trabalho ou para a universidade, da nossa ida a uma feira etc.

Apoiar-nos-emos nas ideias de Cosgrove (1998) quando em sua contribuição acadêmica reflete sobre os diferentes tipos de paisagens. As paisagens são classificadas em dominantes e alternativas sendo as alternativas subdivididas em três categorias: residuais, emergentes e excluídas. A saber:

- Dominante – A cultura dominante é aquela que prevalece sobre as demais, na qual existe um controle exclusivo sobre as terras, força de trabalho, capital, entre outros. Pode ser citado como exemplo o período do feudalismo na Inglaterra, em que um grupo dominante (por mais que em menor número) ditava as regras sobre a massa populacional, ou, as pinturas das paisagens que eram compreendidas apenas pela classe dominante, nas quais eram retratadas as paisagens em plena harmonia entre os latifundiários e os

camponeses (fugindo totalmente da realidade), mas eram paisagens que mostravam a presença da cultura da classe dominante.

- Alternativas – As culturas alternativas detêm menor presença nas paisagens em relação às culturas dominantes, de forma que acabam por serem submissas à cultura mais adotada em uma determinada região ou país, como por exemplo: uma mesquita na Inglaterra que é tida como uma cultura alternativa, não sendo a cultura dominante dentro daquele território.
- Residuais – Os elementos presentes nas paisagens muitas vezes não são formados por seus significados originais. Esses ambientes contendo paisagens residuais, estão muitas vezes presentes uma mescla de culturas alternativas modernas, em que estão presentes o antigo e o moderno.
- Emergentes – Existem uma grande quantidade de culturas emergentes que surgem, porém não costumam apresentar tantos impactos nas paisagens. As paisagens emergentes geralmente apresentam um visual de futuro e quase fictício, o que ocasiona baixos impactos sobre as paisagens dominantes, tais como o comércio de produtos orgânicos.
- Excluídas – A cultura propagada pelas mulheres, além de outras que são consideradas marginalizadas acabam sendo excluídas. A paisagem humana encontra-se carregada de diversas representações de grupos que são excluídos, além de seus significados simbólicos. Podemos citar como exemplo de paisagens excluídas: as paisagens domésticas que são dominadas pelas mulheres; paisagens em que são visíveis os grafites de gangues de ruas; os locais frequentados por moradores de ruas, as palafitas do Pina, entre outros.

A paisagem até os dias atuais, assim como a cultura, está passando por transformações cada vez mais aceleradas, no entanto, algumas marcas do tempo ainda estão presentes, mesmo que de forma mais tímida. É possível notar as alterações das paisagens que ocorrem ao longo do tempo. Essa notoriedade pode ser realizada de diversas formas, entre elas, quando são analisadas imagens de diferentes períodos, conforme indicado acima.

As mudanças nas paisagens, devido principalmente ao processo de urbanização que elevam a especulação imobiliária de um determinado espaço, acabam interferindo nas culturas predominantes de um determinado lugar ao longo do tempo. O homem tem sido o grande responsável pelas transformações, que são cada vez mais aceleradas, ao criar espaços privilegiados para alguns e exclusão e

invisibilidade para outros.

A paisagem encontra-se em processo dinâmico de transformação em prol do acúmulo de capitais. Essas modificações das paisagens por conta de interesses individuais, como de atores hegemônicos privados, públicos e acúmulo de riquezas, acabam por dinamizar espacialmente e produzir paisagens com profundas contradições. (SALGUEIRO, 2001, p. 47).

Ainda em concordância com Salgueiro (2001) é possível verificar que a paisagem é algo bastante complexo de entender e analisar, dessa forma são primordiais as leituras e as compreensões dos indivíduos sobre um determinado tema, para que os mesmos consigam fazer uma leitura correta. A paisagem tem um sentido cultural e é possível fazer uma leitura dela como é feito em um livro, contudo, é fundamental obter as ferramentas necessárias para tal.

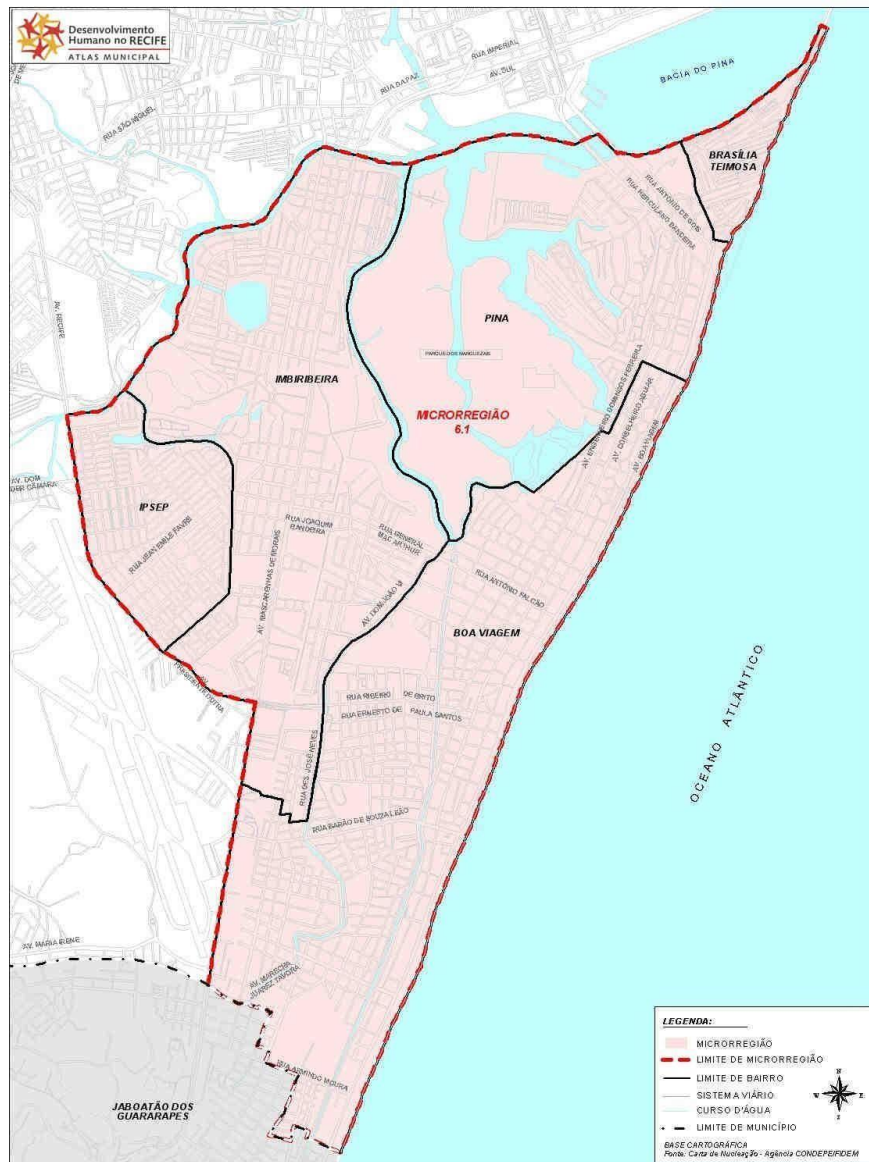
Para Gomes (2017), as imagens são instrumentos básicos que podem ofertar um detalhamento dos elementos existentes no espaço, por meio das suas formas e suas cores, expondo de modo minimamente mais exato e detalhado o que os olhos dos indivíduos não conseguem observar.

Ao longo da próxima seção será abordado o surgimento do bairro do Pina, sendo exibidas as transformações das paisagens através de imagens da década de 1920 até a década de 1990, de modo que foram anexadas no trabalho a partir das pesquisas minuciosas realizadas, servindo como uma ferramenta que será capaz de mostrar de modo preciso o que a visão e a mente não conseguem captar perfeitamente.

4 ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO BAIRRO DO PINA

O bairro do Pina localizado no município do Recife, estado de Pernambuco, é considerado um ponto privilegiado e estratégico devido a sua localização, na qual há acesso a outros bairros importantes da cidade, além de de municípios vizinhos.

Figura 4 - Extensões e limites do Bairro do Pina e dos bairros fronteiriços



Fonte: Prefeitura do Recife (2005).

A Figura 4 retrata os limites do bairro do Pina e os bairros fronteiriços, tais quais: Boa Viagem, Brasília Teimosa e Imbiribeira. Ainda de acordo com a imagem acima é nítido que a região do Pina é cercada por diversos cursos d'água.

Utilizando os dados da Prefeitura do Recife (2012), baseado nas informações

do Censo Demográfico do IBGE de 2010, o Pina contava com uma população de 29.176 habitantes. Já o bairro de Boa Viagem é considerado um dos mais populosos do município, tendo uma população na época de 122.922 habitantes. Brasília Teimosa detinha uma população de 18.334 habitantes.

O bairro do Pina disponibiliza os principais acessos de entrada e saída dos bairros de Boa Viagem e de Brasília Teimosa, além de outros bairros como Piedade e Candeias (pertencentes ao município de Jaboatão dos Guararapes), através das Pontes Governador Paulo Guerra e Governador Agamenon Magalhães.

Figura 5 – Ponte Governador Paulo Guerra e Ponte Governador Agamenon Magalhães



Fonte: Google Earth (dezembro de 2021).

Foi utilizado o programa *Google Earth Pro* que captura imagens por satélites, como é o caso da Figura 5, datada do mês 12 do ano de 2021. A Ponte Governador Paulo Guerra e a Ponte Governador Agamenon Magalhães são duas vias importantes que dão acesso ao bairro do Pina, além de outros bairros já citados acima.

Segundo Pereira (2008, p. 10), o Pina era formado por ilhas e terras inundadas, nas quais as águas dos rios Jordão, Tejió e Pina cruzam o bairro e desaguam no Oceano Atlântico. A ocupação do local começou no período colonial com a chegada dos portugueses e com a criação na localidade da Fazenda Nossa Senhora do Rosário da Barreta. A Fazenda contava com as instalações de uma casa grande, capela, senzala, além de vastas plantações de coqueiros, variedades de frutas e verduras (PEREIRA, 2008, p. 10).

A região possuía seis ilhas, conhecidas como Ilha do Cheira Dinheiro (também chamada de Ilha Fernão Soares ou Ilha da Barreta), Ilha do Pina, Ilha das Cabras, Ilha do Bode, Ilha da Raposa (onde foi instalada a Rádio da Marinha) e a Ilha do Felipe (onde foi construída a Fábrica da Bacardi), porém, o nome que prevaleceu foi o do Pina (PEREIRA, 2008 p. 11).

O nome do bairro “Pina”, surgiu em decorrência de um dos indivíduos que ficou responsável pelo local, sendo eles “André Gomes Pina”. Tanto André Gomes Pina, como o seu irmão conhecido como Cheira Dinheiro, ambos exploravam a mão de obra dos negros escravizados fugitivos, que se instalavam na Bacia do Pina adentrando e se escondendo nas vastas áreas de mangues (parte do manguezal encontra-se preservado até os dias atuais, o que permite a população local sobreviver da pesca) (PEREIRA, 2008, p. 10).

O mangue tem uma importância extrema para quem trabalha com a pesca e segundo Josué de Castro: “O mangue é um camaradão. Fornece tudo, casa e comida, mocamboe caranguejo” (CASTRO, 2001 p. 107). Na atualidade, a cultura da pesca ainda se encontra presente no cotidiano de parte da população do bairro, contudo, essa atividade vem perdendo cada vez mais espaço, sendo substituída por outras atividades “mais modernas”. Sendo assim, podemos afirmar que a pesca é uma atividade cultural e tradicional no bairro.

Durante o século XVII, mais precisamente em 1630, Pernambuco sofreu uma invasão promovida pelos holandeses, onde os invasores conseguiram apossar-se das Ilhas do Pina, levando a população que residia ali a migrarem de forma forçada para o Engenho Muribeca em Jaboatão dos Guararapes (PEREIRA, 2008, p. 11).

Segundo Silva (1990 apud PEREIRA, 2008), possivelmente os irmãos André Gomes Pina e Cheira Dinheiro, fugiram do Pina nadando até a localidade que hoje é conhecida como Boa Viagem. Ainda de acordo com o autor, ambos levaram todas as riquezas produzidas com a comercialização de açúcar para o exterior e enterraram todo o montante dentro de um baú.

As ilhas só voltaram a serem ocupadas pela população após a retirada dos holandeses em Pernambuco no ano de 1654. Já no século XVIII, a Ilha Cheira do Dinheiro, também conhecida como Ilha da Barreta, foi renomeada para Ilha do Nogueira, nome esse que se referia a um antigo morador e sargento mor Antônio Nogueira de Figueiredo. Outros conflitos e disputas ocorreram no decorrer dos anos no local, como a Guerra dos Mascates em 1711 por exemplo, (PEREIRA, 2008, p.

12).

É possível observar que durante o surgimento do bairro, as seis ilhas foram sendo rebatizadas de acordo com os nomes dos novos residentes ou proprietários, além das transformações das paisagens que ocorreram no lugar.

No século XIX, a Santa Casa de Misericórdia recebeu de doação parte da Ilha do Nogueira. Ainda no mesmo século, o local que estava situada a Fazenda da Barreta, além do Pontal do Pina foram repassados para o Visconde do Livramento, que passou a servir como espaço de veraneio para família. Ao longo dos anos, as ilhas passaram a sofrer com aterros, descaracterizando as formações das ilhas no seu aspecto natural (PEREIRA, 2008, p. 13).

Os aterros no Pina para a expansão de novas avenidas e para a construção de novas edificações, encontram-se ocorrendo na atualidade de forma cada vez mais frenética.

O crescimento dos aterros ajudou no processo de urbanização da área do Pina, algo que ocorre há séculos, como expõe Pereira (2008, p. 14), no qual afirma que no século XIX, o governador de Pernambuco já idealizava grandes projetos de melhorias na infraestrutura do local, que, conseqüentemente valorizaria a região.

De acordo com o autor, no ano de 1849, houve uma obra de melhorias do Porto do Recife, além de outras intervenções urbanas no bairro, impactando diretamente o Pina (é importante frisar que mesmo que o Porto do Recife não esteja instalado no Pina, a distância entre as duas localidades é considerada curta). Devido a essas obras diversos trabalhadores se instalaram no bairro do Pina, cenário que ocasionou um leve aumento na população local.

Devido ao crescimento de novas moradias de forma desordenada, a Santa Casa de Misericórdia passou ainda no final do século XIX, a responsabilidade pela gestão das terras para o Coronel João Fernandes Guedes. Nesse tempo, a organização espacial era composta por moradias de palhas, grandes quantidades de plantações de coqueiros, extensas propriedades que produziam frutas, além da presença dos mangues, das marés, dos viveiros etc. (SILVA, 1990 apud PEREIRA, 2008).

A paisagem era pouco dotada de edificações de alvenaria, eram elas: a casa grande, a sede da antiga Fazenda da Barreta, as ruínas do Forte Holandês, o Hospital Lazarento (espaço que recebia os doentes de febre amarela, de outras doenças contagiosas além de indivíduos escravizados que chegavam da África contaminados

com a Peste) e a casa do Coronel João Guedes (PEREIRA, 2008, p. 16-17).

Na dinâmica temporal da paisagem é possível contemplar a presença do mangue, como é caso do Parque dos Manguezais Josué de Castro, além dos viveiros (de peixes e camarões) e da maré. Contudo, não é mais possível visualizar os coqueiros, as grandes propriedades produtoras de frutas, as casas de palhas, entre outras, pois todas elas foram substituídas por edifícios modernos, asfalto, e moradias precárias de palafitas.

Conforme a publicação da RIMA (2009, p. 18), a empresa assegura que quase dois séculos depois, os manguezais localizados no bairro do Pina vêm sofrendo desmatamento de maneira mais constante, principalmente devido ao processo de expansão urbana, tendo diminuições consideráveis em suas áreas.

As moradias existentes eram constituídas por pescadores, trabalhadores do porto, jangadeiros, marisqueiros, canoieiros, ex-escravizados, indivíduos sem qualificação e que foram retirados a força das áreas centrais do centro do Recife etc., de forma que acharam no Pina um local com grande oferta de pescados para manter as famílias (PEREIRA, 2008, p. 16), ambiente que em dias atuais é local de sobrevivência para muitas famílias.

Utilizando os dados da RIMA (2009, p. 36), a Bacia do Pina ainda é habitat de diversas espécies da fauna aquática, tais como: tainha, curimã, carapeba, siri, camarão, sururu, marisco, ostra, entre outros.

Depois de mais de 400 anos dos primeiros relatos da ocupação da região do Pina e a existência da cultura da pesca e de diversas comunidades de pescadores, marisqueiros, jangadeiros etc. que resistem, com o passar do tempo, a todas as transformações existentes, porém, trabalham de maneira precária, devido à diversos fatores, entre eles, a poluição das águas da Bacia do Pina e da destruição de vastas áreas de manguezais.

As informações do Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) da Via Mangué produzida pelo RIMA (2009, p. 37), apontam para uma grande concentração de poluição orgânica nas águas da Bacia do Pina. Existem diversas medidas previstas no projeto para minimizar a poluição da Bacia do Pina, entre elas estão: a ampliação do sistema de esgoto doméstico e melhor atendendo a população local, contribuindo para a diminuição do lançamento de esgoto nas águas do rio (RIMA, 2009, p. 10).

Para Braga, Souza e Vale (2017, p. 4), os moradores da antiga comunidade de Palafitas do Pina relataram através de uma entrevista semiestruturada sobre a

poluição e o desmatamento que acarretou prejuízo para eles, pois grande parte das famílias que residiam na comunidade tinham/têm a pesca como principal fonte de sobrevivência e renda familiar.

São notórias as mudanças que ocorreram na região durante os últimos quatro séculos, tanto nas transformações das paisagens, como no modo de vida, principalmente devido aos projetos de infraestrutura e da expansão urbana, acarretaram diversas consequências e impactos para o bairro, que ocorrem há mais de um século, entretanto, foram aumentando com o passar do tempo.

Após o fim do período de escravidão no Brasil (1888), os indivíduos que conseguiram suas “liberdades”, passaram a ocupar as terras alagadas e construíram diversos mocambos na cidade do Recife, incluindo o bairro do Pina, além de outros bairros, ampliando ainda mais o processo de ocupação (PEREIRA, 2008).

Dessa forma, podemos afirmar que as primeiras comunidades construídas dentro das áreas alagadas se iniciaram ainda no final do século XIX, porém, mais de um século depois, esses tipos de moradias continuam bastante presentes nas paisagens do bairro do Pina e de outros bairros espalhados pela cidade do Recife, formando grandes contrastes sociais. Discorreremos a seguir sobre as mudanças na paisagem temporais no século XX.

4.1 A DINÂMICA DA PAISAGEM NO FINAL DO SÉCULO XIX E DO SÉCULO XX NO BAIRRO DO PINA

Mudanças foram conduzidas pela classe elitista, durante o final do século XIX e início do século XX, no sentido de uso da paisagem com a cultura de tomar banho nas águas oceânicas (cultura adquirida do povo europeu) com finalidades medicinais, fazendo com que houvesse um aumento da urbanização nas cidades de Recife e Olinda (PEREIRA, 2008, p. 18).

Esse novo hábito de modificar as áreas litorâneas que antes serviam como depósitos de lixo e dejetos, em áreas de lazer, em práticas esportivas, convívio social e de busca por tratamento medicinal, conseqüentemente, gerou uma valorização das áreas litorâneas, levando a construções de estradas e pontes que ligassem as praias do Pina e Boa Viagem, em Recife e do Carmo e Milagres, em Olinda. Com isso, houve transformações socioeconômicas, urbanísticas e culturais nas cidades (PEREIRA, 2008, p. 18-19).

O primeiro acesso de ligação com o Pina só foi construído no ano de 1915, devido ao surgimento do bairro de Boa Viagem. Antes disso só era viável acessar a região através de embarcações (CAVALCANTI, 2012, p. 249).

No início do século XX, a elite costumava frequentar as áreas litorâneas do Pina, inclusive alugando até casas de pescadores para passar o período de veraneio, contudo, a construção de uma rede de esgoto do Recife, no bairro em tela, despejando todo o dejetos na praia do Pina, fato este, ocorrido na primeira década do século XX, gerou um sentimento de repulsão da população interessada nesse tipo de serviço, neste caso, afastando assim os veranistas e a população local que ali habitava (PEREIRA, 2008, p. 19).

Essas circunstâncias acabaram evitando, por um certo tempo, a especulação imobiliária que quando chegou no bairro surgiu com uma força devastadora e com a capacidade de modificar a dinâmica do bairro.

Todo esse processo de instalações de tubulações de esgotos, fazia parte das obras de infraestrutura e industrialização que o país vivia naquele período. Devido ao fato de que o Pina era habitado por pessoas humildes, de baixa renda e de maioria de pessoas negras, tais quais: trabalhadores do porto, pescadores, prostitutas, biscateiros, empregadas domésticas, lavadeiras, entre outros, o bairro foi desprezado e estigmatizado, enquanto os bairros mais elitizados ganharam na época tubulações de esgotos mais modernas (PEREIRA, 2008, p. 19-20).

Carlos (1994) recopila a profundidade de que se processa a produção das paisagens urbanas quando afirma que:

Esse intenso e incansável processo de produção e reprodução humana se materializa concretamente no espaço geográfico e é apreendido na paisagem através de uma série de elementos: construções, vias de comunicações, plantação etc., portanto, percebido em sua maneira formal, a paisagem é a vida cotidiana que é percebida através dela (CARLOS, 1994, p. 49).

Esse intenso processo de produção e reprodução humana impactou de maneira decisiva nas paisagens, pois apresentam as marcas do tempo, os interesses de um determinado grupo, modos de vida, os movimentos de resistência e a maneira de apropriação do espaço geográfico. A paisagem de cultura dominante

exibe o poder da classe dominante, constituindo-se como marca identitária. Trata-se da subjetivação da paisagem propagada por grupos ou classes que detêm os meios de controle da vida: capital, terra, matéria-prima e força de trabalho (COSGROVE, 1998, p. 230).

As paisagens estão sempre sofrendo impactos, sejam eles positivos ou negativos devido ao modelo de desenvolvimento e ocupação do espaço geográfico.

O Relatório de Impacto Ambiental (RIMA, 2009, p. 32-33), apresentou dados preocupantes porque o documento apontou que as águas dos rios Capibaribe, Beberibe, Tejipió/Jiquiá e Jordão/Pina, são bastante poluídas, e acabam desaguando no Porto do Recife, onde existe a mistura das águas dos rios e do Oceano Atlântico, onde essas águas acabam sendo levadas para as praias de Brasília Teimosa e Pina no Recife, além da praia dos Milagres em Olinda.

No período de inverno, com o aumento da vazão das águas dos rios que acabam desaguando no mar, além da força dos ventos e das marés, essas águas podem alcançar as praias mais afastadas, como é a praia de Rio Doce em Olinda.

Mais de 100 anos depois dos relatos das poluições das águas do mar do Pina e da Bacia do Pina, os problemas aparentemente se agravaram ainda mais, pois o processo de urbanização cresceu de forma considerável, juntamente a isso aumentou a quantidade de esgotos domésticos e industriais.

Quanto aos impactos nos objetos artificiais da paisagem, a Ponte do Pina no ano de 1922, passou por reformas promovendo seu alargamento, o que facilitou a passagem de automóveis, além da ponte ter recebido trilhos para a passagem do bonde e postes com iluminação elétrica. Já no ano seguinte (1923), iniciou-se o processo de urbanização das praias do Pina e Boa Viagem, com as construções da antiga Avenida de Ligação (atual Avenida Herculano Bandeira), conectando a Ponte do Pina e à futura Avenida Beira Mar, viabilizando ainda mais o desenvolvimento da orla. Ainda no ano corrente, algumas linhas de ônibus foram criadas para atender o bairro do Pina (PEREIRA, 2008 p. 21-22).

As figuras 6 a 16 mostram paisagens de antigamente e são elencadas com o intuito de provocar a reflexão acerca da velocidade de transformações destas paisagens e a representação social em uma escala temporal.

Figura 6 – Bonde passando na Ponte do Pina e postes de iluminação elétrica na década de 1920



Fonte: Revista de Pernambuco (apud PERNAMBUCO ARCAICO, 02 de setembro de 2015).

A Figura 6 aponta as distintas perspectivas da paisagem entre os grupos. A confecção da paisagem dominante representada pela ponte do Pina interligado o centro do Recife ao bairro do Pina, além das praias do Pina e Boa Viagem; presença do transporte público coletivo (bonde), sistema de iluminação, entre outros. Por outro lado, a presença de um outro grupo representado por um pescador que atravessa a ponte com sua vara nos ombros e os samburás com os peixes para serem vendidos do outro lado da ponte, na composição de uma outra paisagem, significados diferenciados.

Cosgrove (1988), afirma que sobre as paisagens dominantes são as que predominam sobre as outras, existindo um domínio de maneira exclusiva sobre as posses das terras e sobre os trabalhadores, resultando conseqüentemente no poderio dos recursos por uma parte da população.

A Figura 6 retrata muito bem essa adversidade, o retrato de um simples pescador carregando seus instrumentos de trabalho (trabalho esse que não é valorizado), em uma paisagem que parece não pertencer ao mesmo (pois, mesmo os pescadores estarem inseridos há séculos dentro da paisagem no bairro do Pina, no entanto, no decorrer da história da construção do bairro, sempre foram considerados um empecilho para o progresso, sendo em todo instante, removidos (muitas vezes de forma forçada) de uma lugar para outro.

Figura 7 – Calçadão da Praia do Pina



Fonte: IBGE (19--).

Na organização espacial da orla do Pina, como aponta a Figura 7, observa-se construção de alvenaria do tipo mansões e chalés em diferentes estilos arquitetônicos entre eles, normando, tipo térreo ou de dois pavimentos destinados a população abastada. Conforme mostra a paisagem a população do local era pequena, pois, o acesso ao local era difícil. Com a chegada dos apetrechos urbanos e a modernização as praias passaram a serem mais visitadas. Fica nítida a presença de uma paisagem com traços dominantes.

Aos poucos a acessibilidade melhorou e, conseqüentemente, o bairro ganhou novos moradores e veranistas, devido principalmente as construções de uma ponte ligando o Pina (como já mencionado), aos aterramentos, as construções de novas vias e da orla, a chegada dos postes elétricos, das criações de novas linhas de ônibus que atendesse a demanda do local etc. Os fatores geográficos por muito tempo impediram uma urbanização de forma prematura, visto que a região era cercada por águas, além das densas vegetações de manguezais (existente até hoje). Sales (2017, p. 52), afirma que o Parque dos Manguezais Josué de Castro localizado no coração do bairro do Pina é o maior da América Latina.

Figura 8 – Ônibus parados no bairro do Pina no ano de 1957



Fonte: IBGE (1957).

A Figura 8 retrata a praça e indica a presença de uma vegetação formada por coqueiros, vários ônibus (que permitiu maiores fluxos de pessoas a praia do Pina), ruas asfaltadas etc. Mesmo com as mudanças ocorridas nas paisagens, os elementos da natureza como os coqueiros ainda aparecem com destaque.

Algumas linhas de ônibus com viagens regulares, foram criadas a partir da década de 1920 para atender o bairro do Pina, entre elas estão os que faziam o trajeto do Cabanga até o Pina, Paulista – Olinda até Boa Viagem (passando pelo Pina) (PEREIRA, 2008, p. 22).

Figura 9 – Casas na orla da Praia do Pina no ano de 1957



Fonte: IBGE (1957).

A Figura 9 apresenta uma praia com grande faixa de areia, dunas, vegetação litorânea, população rarefeita, edificações na orla da praia do Pina com residências de mais de um pavimento e toda faixa de praia repleta de coqueiros.

A presente ocupação no bairro é fruto de uma política de modernização do espaço que afetou definitivamente e continuamente as mudanças nas paisagens com grupos de interesses diversos, confrontos e resistências que se estende a décadas.

Todas essas infraestruturas criadas facilitaram o “progresso” do bairro, com a construção de diversos pontos de cultura e lazer, como: bares, restaurantes, cassinos, cinema, barracas para atender os banhistas, formação de grupos de rodas de coco, pastoril, bumba meu boi etc. (PEREIRA, 2008 p. 23-28).

Figura 10 – barracas na orla do Pina



Fonte: Pereira (2008).

A figura acima, exibe as barracas erguidas com madeiras, instaladas na orla da Praia do Pina, Além dos salva-vidas para atender os banhistas e os veranistas que frequentavam o espaço. Verifica-se uma estrutura deficitária para receber os visitantes.

Várias comunidades carentes que estão fixadas até hoje no bairro do Pina começaram a surgir nas primeiras décadas do século XX, como é o caso do surgimento da Comunidade do Bode, que aconteceu no ano de 1926, em que as pessoas ocuparam os terrenos que pertenciam a Santa Casa de Misericórdia, enquanto outros indivíduos aterraram áreas de manguezais para construir suas residências. A comunidade continuou se expandindo para dentro da maré com habitações erguidas com madeiras, tendo esses tipos de habitações permanentes até hoje na localidade (CAVALCANTI, 2012, p. 255).

Outra comunidade importante na formação do Bairro do Pina é a Comunidade do Encanta Moça, que segundo Cavalcanti (2012, p. 255), foi erguida entre a Estação Rádio Pina (pertencente a Marinha), o Rio Tejió e a Antiga Fábrica da Bacardi. O nome vem de uma lenda contada por pescadores locais, que nas noites de luas cheias uma moça bonita e encantadora, vestida com um véu luminoso era avistada e depois sumia.

O Pina foi formado por diversas comunidades carentes, segundo Silva (2020, p. 93), entre elas estão: Bode e Encanta Moça já mencionadas anteriormente, Sítio

Salamanta, Areinha, entre outros. A maior parte das comunidades citadas permanecem, todavia, perdendo cada vez mais seu espaço.

A religiosidade no bairro do Pina é algo bastante presente e relevante, contando com a presença de diversos espaços para cultos de religiões de matrizes africanas, como é o caso do xangô (apesar disso, os indivíduos que seguiam as religiões de matrizes africanas, eram perseguidos), formando paisagens alternativas.

O bairro também conta com a presença da Igreja Católica, que inicialmente era uma capela construída de madeira denominada de Paróquia Nossa Senhora do Rosário. Só ano de 1932, foi inaugurada a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário (em substituição da paróquia de madeira).

As igrejas protestantes também se instalaram no bairro no decorrer do século XX, como é o caso da Igreja Batista (sendo a primeira a ser instalada) e depois a Igreja Presbiteriana (PEREIRA, 2008, p. 24-28).

Figura 11 - Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário e parte do bairro do Pina na década de 1940



Fonte: Fraga ([20--] apud SALES, 2017).

Na Figura 11, é possível perceber a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário (conhecida como Igreja do Pina), algumas dezenas de casas ao redor da igreja, uma porção de terras alagadas ao lado, além das vegetações existentes em grande parte da paisagem. É importante destacar que, mesmo com as intervenções urbanas, o quadro físico do entorno da Igreja da Matriz é muito representativo nos objetos naturais que compõem a paisagem. A intervenção humana neste recorte temporal ainda evidencia equilíbrio paisagístico.

Na década de 1930 foi inaugurado um prostíbulo na Colônia de Pescadores Z-1 no Pina. A colônia referida foi criada pela Marinha, com o objetivo de organizar os pescadores para protegerem a costa marinha brasileira no período da Primeira Guerra Mundial. Já durante o período da Segunda Guerra Mundial, foi inaugurado o Cassino Americano, onde os estadunidenses utilizaram a Rádio Pina como base de comunicação, além disso, os estadunidenses durante suas missões no Recife, praticavam diversas orgias nos bares e nos cassinos, levando mais uma vez a uma estigmatização dos moradores do bairro do Pina (PEREIRA, 2008, p. 29).

Pescadores e prostitutas são duas classes desprezadas pelo mundo que pouco vê o pescador e pouco vê as prostitutas. São duas classes exploradas porque nem o pescador faz o preço do peixe, (...) e a prostituta também não faz o preço da sua carne (FAVELADOS, 1989, p. 108 apud SALES, 2017).

Com os novos aterramentos, ainda na década de 1930, para iniciar novas obras no Porto, na região do Dique do Nogueira e dos arrecifes (conhecido como Areial Novo, futuramente iria ganhar o nome de Brasília Teimosa).

O Estado adquiriu essa área com o objetivo de instalar o Parque de Inflamáveis no Porto, porém, nunca chegou a ser concretizado, pois, a Colônia de Pescadores Z-1 do Pina recebeu no ano de 1953 a aprovação para ocupar uma porção da área do Areial Novo. Parte da população que se instalou na área, era formada por pescadores do Cabanga, que perderam seus mocambos em um incêndio considerado criminoso no ano de 1952 (PEREIRA, 2008, p. 30-31).

Entre os anos de 1957-1958, em virtude de um grande período de destiagem no estado de Pernambuco, uma grande quantidade de indivíduos ocupou a área do Areial Novo, formando a comunidade de Brasília Teimosa (o nome de Brasília Teimosa foi a junção do nome da Capital Federal que estava sendo construída na

época e da teimosia da população que erguia as moradias no período da noite, pois durante o dia a polícia derrubava todas).

O objetivo do trabalho não é abordar os outros bairros como Brasília Teimosa, no entanto, esse bairro tem ligação direta com a formação do Pina e da antiga Comunidade de Palafitas do Pina, que serão abordadas de forma mais detalhada ainda nesta seção e na próxima.

Para Pereira (2008, p.31), em consequência do processo de ocupação das terras e a acelerada urbanização do Pina, outras classes sociais acabaram constituindo moradia no bairro, entre eles estavam: funcionários públicos, bancários, comerciantes etc., fazendo com que comércios e serviços também se expandissem, elevando a economia local. Ainda segundo o autor supracitado, diversas famílias de nacionalidades árabes chegaram para residirem no bairro.

Durante o primeiro mandato de Getúlio Vargas (1930-1945) como Presidente do Brasil, que focou na criação de leis trabalhistas, os governos estaduais estavam arquitetando projetos para o desenvolvimento urbano em prol do sistema capitalista. Esses processos de desenvolvimento urbano tiveram diversas consequências, entre elas a criação de várias vias com a demolição de mocambos (os mocambos são heranças arquitetônicas dos povos africanos, ameríndios e povos europeus) (PEREIRA, 2008, p. 32-33).

Durante o Governo de Agamenon Magalhães (1937-1945), foi criado um projeto denominado Liga Contra os Mocambos, que objetivava a retirada desses tipos de moradia, pois existia o projeto de construções de novas vias, nas quais o governo ordenou a construção de inúmeras habitações populares em bairros distantes do centro e do litoral. Outros governos subsequentes continuaram com as mesmas políticas de construções de habitacionais distantes do bairro do Pina (PEREIRA, 2008, p. 33).

Com o processo de valorização do bairro do Pina, as pessoas mais pobres começaram a ser expulsas da área, dando espaço para as construções de novos empreendimentos imobiliários e a chegada de pessoas com maiores poderes aquisitivos no bairro. Esse processo de expulsão (muitas vezes de forma forçada) permanece até os dias atuais no bairro, pois o capital exerce muita influência nessas tomadas de decisões governamentais.

Na década de 1940, foi construído o Aeroclub de Pernambuco, mais precisamente no Encanta Moça, localizado no Pina. Devido a construção do

aeroclube, a construção de edifícios altos foi limitada durante um determinado período, o que garantiu a permanência de casas baixas e de moradias populares (PEREIRA, 2008, p. 33).

Entrando na década de 1950, os aterros no Pina continuaram avançando e modificando ainda mais as paisagens e os traçados das ilhas do Pina, de forma a sua geografia.

Essas mudanças ocorriam sempre por novos projetos de urbanização, como a nova construção da Ponte Governador Agamenon Magalhães em paralelo à antiga ponte que passava o bonde, sendo desprezado esse meio de transporte e substituído pelos automóveis. A reforma da ponte foi totalmente concluída no ano de 1953 e alargou ainda mais as vias que davam acessos aos bairros do Pina e Boa Viagem, além outros bairros (PEREIRA, 2008, p. 34).

No final da década de 1950, a Fábrica Rum Bacardi se instalou no Recife, mais precisamente no bairro do Pina. Em concordância com Sales (2017, p. 130), a Fábrica da Bacardi se estabeleceu no local no ano de 1959. Segundo Silva (2014, p. 52), a Fábrica da Bacardi permanecendo até o ano de 1995, quando transferiu sua operação para o município de São Bernardo do Campo/SP.

Para Talis (2011), a fábrica de bebidas foi instalada no Recife devido ao processo da Revolução Cubana que ocorreu na década de 1950. Ainda para autor, o terreno para construção da fábrica foi doado pelo governo. O argumento para a doação do governo seria que a fábrica salvaria as lavouras de cana de açúcar.

Figura 12 – Antiga Fábrica da Rum Bacardi no ano de 1962



Fonte: Fundaj (1962).

A Figura 12 mostra a área da instalação da Fábrica da Bacardi no bairro do Pina, no ano de 1962. É possível notar nas paisagens as grandes áreas verdes e as poucas habitações existentes até aquele momento, no entanto, com o passar do tempo a área sofreu enormes modificações.

Conforme mostra a paisagem, a instalação da fábrica ocorreu as margens da Bacia do Pina, em uma área de manguezal, o que provocou impactos significativos ao habitat natural, assim como a construção da vila da fábrica para moradia dos trabalhadores com o objetivo de reduzir os custos da produção. A fábrica estava situada em uma área nobre e estratégica, que como passar do tempo obteve ainda mais valorização sobre o metro quadrado do solo.

Na década de 1960, outras obras impactantes aconteceram no bairro, como a construção da Avenida Antônio de Goes (uma das principais vias até os dias atuais) ligando a beira mar à Ponte Agamenon Magalhães.

Para essa nova obra ter andamento, foi necessário demolir diversas construções de madeira (entre moradias e estabelecimentos) que ficavam próximo do mar, como é caso das construções que ficavam na zona de prostituição (PEREIRA, 2008, p. 34-35).

Figura 13 – Obras na Bacia do Pina no ano de 1966



Fonte: Fundaj (1966).

A Figura 13 retrata mais uma obra de infraestrutura de grande impacto que o bairro passou durante as últimas décadas. Nota-se uma estrutura de uma possível ponte ou tubulação de esgoto em reforma, a presença da Ponte Agamenon Magalhães, barcos ancorados na Bacia do Pina, além dos edifícios e de área verde mais ao fundo. Até pouco tempo, este local retratado na imagem ficava a antiga Comunidade de Palafitas do Pina (retirada no ano de 2022), situado entre as duas pontes que ligam a entrada e a saída do bairro (Ponte Agamenon Magalhães e Ponte Paulo Guerra). Na paisagem atual é possível encontrar nesses espaços, o Restaurante Bargaço, campo de futebol society, campo de terra, a Superintendência da Política Rodoviária Federal, uma variedade de estabelecimentos comerciais e de serviços, vários prédios de alto padrão, entre outros.

Já nas décadas de 1970-1980, ocorreu uma explosão demográfica no bairro de Boa Viagem, como consequência, diversos casarões foram demolidos para a construções de altos edifícios modernos e luxuosos, levando a um processo de verticalização e adensamento populacional. Todo esse crescimento obrigou os governantes planejarem as construções de novas vias e uma nova ponte no Pina (PEREIRA, 2008, p. 42).

Figura 14 – Imagem aérea da Bacia do Pina no ano de 1976



Fonte: Fundaj (1976).

A Figura 14 expõe uma gravura aérea da Bacia do Pina, na qual é possível ser verificado o final da Avenida Antônio de Goes e a Ponte Agamenon Magalhães com movimentação de veículos, ao fundo encontra-se a Fábrica Bacardi e as diversas residências por trás da fábrica (Vila Operária), além de outras construções e a presença de áreas verdes (área verde mais reduzida, se fizer um comparativo com as outras imagens de anos anteriores aqui expostas).

Na época, o poder público mantinha uma boa relação com os donos das residências de classe média, sem muitas divergências, todavia, com os indivíduos mais pobres, os conflitos eram constantes, devido principalmente às baixas indenizações que eram ofertadas aos moradores, sendo que frequentemente a retirada era forçada, com a demolição das casas de pessoas humildes sem a existência de acordo por uma indenização justa, pois, muitas vezes os moradores não possuíam a titulação das terras (PEREIRA, 2008, p. 43).

As lutas dos moradores do Pina para permanecerem em suas casas ocorreram em pleno regime de Ditadura Militar no Brasil, que foi de 1964-1985. O Padre Jaime, responsável pela Paróquia do Pina, adepto da Teologia da Libertação, tentou intermediar os conflitos existentes entre o poder público e a população, e acabou sendo preso pela lei de Segurança Nacional. No ano de 1979 fundou-se a União dos Moradores do Pina com a finalidade de proteger a população mais vulnerável (PEREIRA, 2008, p. 43).

Figura 15 – Visita de Inspeção do Secretário de Obras Pedro Duene as instalações da ponte no Pina no ano de 1981



Fonte: Museu da Cidade do Recife (1981)⁴.

A Figura 15, revela a visita do secretário de obras da Prefeitura do Recife e de sua equipe no local das instalações da ponte na década de 1980, em consequência de uma grande expansão imobiliária e demográfica do bairro de Boa Viagem.

A construção da Ponte Paulo Guerra foi uma obra que conseguiu ligar a região do Cabanga com a Avenida Herculano Bandeira (uma das principais avenidas do bairro), além de outras ligações com avenidas importantes da Zona Sul, tais como: Avenida Domingos Ferreira, Avenida Conselheiro Aguiar e Avenida Boa Viagem, ocorrendo na década de 1980 (PEREIRA, 2008, p. 43).

Mesmo os moradores do Pina tendo aterrado várias partes alagadas, os setores econômicos reivindicaram os espaços, conseguindo assim subtrair as terras dos moradores mais pobres, que foram sendo afastados cada vez mais do litoral e “enfogados” dentro da maré. Todas essas disputas por terras se tornaram fundamentais para o surgimento das lutas comunitárias e das Associações dos Moradores, em que a União dos Moradores do Pina e o Conselho de Moradores de Brasília Teimosa se tornaram bases de resistências. Durante a década de 1980, houve uma maior abertura no processo democrático no Brasil, em razão a esse fato, essas associações e conselhos se fortaleceram (PEREIRA, 2008, p. 45).

Por causa da criação desses movimentos sociais no Recife, no ano de 1983 foi proposta a mudança da Lei de Uso e Ocupação do Solo. Em 1987 foi criado em

⁴ Fotografia consultada no Museu da Cidade do Recife.

Recife o Plano de Regulamentação de Interesse Social (PREZEIS), de modo que, a função era garantir as ocupações dos espaços pela população mais carente, evitando assim as especulações imobiliárias e a proibição das construções de edifícios acima de 3 andares.

Dessa forma, foi garantida a permanência da população da Comunidade do Bode, do Encanta Moça e parte do Jardim Beira Rio, além de Brasília Teimosa (PEREIRA, 2008, p. 46).

Ainda assim, mesmo com a criação de diversas leis, o poder público, juntamente com o setor financeiro, vem provocando grandes transformações urbanísticas na paisagem, com a criação e melhorias de infraestrutura, criando vias, pontes, edifícios, entre outros, realocando os moradores mais pobres dessas áreas para lugares distantes, numa espécie de higienização.

Já nos anos de 1990 e 2000, as associações comunitárias tiveram seus desempenhos enfraquecidos e os interesses econômicos se expandiram além de Boa Viagem, chegando no Pina, numa espécie de conurbação entre os dois bairros, modificando por completo a paisagem do bairro do Pina, que começou a ver sua verticalização de uma forma selvagem. Com tudo isso, os projetos de infraestrutura no bairro continuaram em grande parte para atender as demandas dos residentes mais abastados (PEREIRA, 2008, p. 48).

Outro marco importante que aconteceu no bairro do Pina foi o fechamento no ano de 1995 da Fábrica da Bacardi, depois de mais de três décadas de funcionamento (COSTA; ARAÚJO; SILVA-CAVALCANTI, 2015, p. 29).

Utilizando os dados da RIMA (2009, p. 39), foi visto o crescimento de uma comunidade de palafitas ao lado da antiga fábrica, no qual a comunidade foi batizada de Palafitas do Bacardi. O crescimento dessa comunidade se deu entre os anos de 1998 e o ano de 2007, até ser retirada por completa devido as novas obras no decorrer da segunda década do século XXI.

Figura 16 – Imagem aérea de parte do bairro do Cabanga, Pina e Brasília Teimosa no ano de 1999



Fonte: Moura (1999). Adaptado pelo autor⁵.

A Figura 16, retrata parte do bairro do Cabanga, Pina e Brasília Teimosa. Na imagem é possível visualizar a expansão mobiliária nos bairros citados, as duas pontes de entrada e saída do Pina (Pontes Governador Agamenon Magalhães e Governador Paulo Guerra e a baixa disponibilidade de área verde). Ao fundo também é viável verificar a Comunidade de Palafitas da Bacardi, que se encontra circulada em vermelho.

As mudanças de paisagens no decorrer dos séculos, décadas e anos, são recorrentes no Pina, porém, as transformações nas paisagens vistas até aqui são muito mais presentes e impactantes na vida das populações mais carentes do bairro, onde, parte desses indivíduos permanecem quase que diariamente lutando para ter seu espaço em um lugar que parece renegá-los.

Tanto os antigos moradores da comunidade de Palafitas da Bacardi como

⁵ Fotografia consultada na Autarquia de Urbanização do Recife (URB) e adaptada pelo autor do trabalho.

também os antigos moradores das palafitas de Brasília Teimosa, serão os principais personagens responsáveis pelo surgimento da Comunidade de Palafitas do Pina, entretanto, isso só ocorrerá na segunda década do século XXI.

Também serão debatidas a memória dos ex-moradores, as obras de infraestrutura que levaram à diversas desapropriações de moradias de pessoas de baixa renda, a construção do Shopping RioMar e da Via Mangue, o surgimento, a expansão e a destruição por completo da Comunidade de Palafitas do Pina.

5 AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ANTIGA COMUNIDADE DE PALAFITAS DO PINA E NO SEU ENTORNO NO SÉCULO XXI

Nesta seção a análise dirigiu-se às mudanças na paisagem da comunidade de Palafitas no bairro do Pina, nas vizinhanças do Shopping Riomar. Podemos compreender que os avanços e projetos urbanos e os diferentes interesses dos grupos hegemônicos propiciaram mudanças no recorte espacial da paisagem, não apenas no quadro físico, mas, sobretudo no modo de vida das pessoas.

Figura 17 - Imagem de satélite da antiga comunidade de Palafitas da Bacardi em destaque no ano de 2009



Fonte: Google Earth (julho de 2009). Adaptado pelo autor.

Na imagem 17, percebe-se a Comunidade da Palafitas da Bacardi no ano de 2009. Comunidade pacata de pescadores com seu modo de vida tradicional. A paisagem prognostica um conjunto muito diferentes significados simbólicos quando comparados com as áreas circunvizinhas observadas na paisagem que compreendem o bairro do Pina situado na zona Sul da cidade do Recife.

Todas as paisagens possuem significados e são resultados da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem” (COSGROVE, 1998, p. 108).

Percebe-se que a paisagem sofreu fortes impactos no quadro fitogeográfico como também nos cursos de águas com aterros para edificar o bairro com pontes,

estradas, residências e posteriormente, grandes empreendimentos promovendo a identidade de uma paisagem dominante e tornando a população ribeirinha invisível. No entanto,

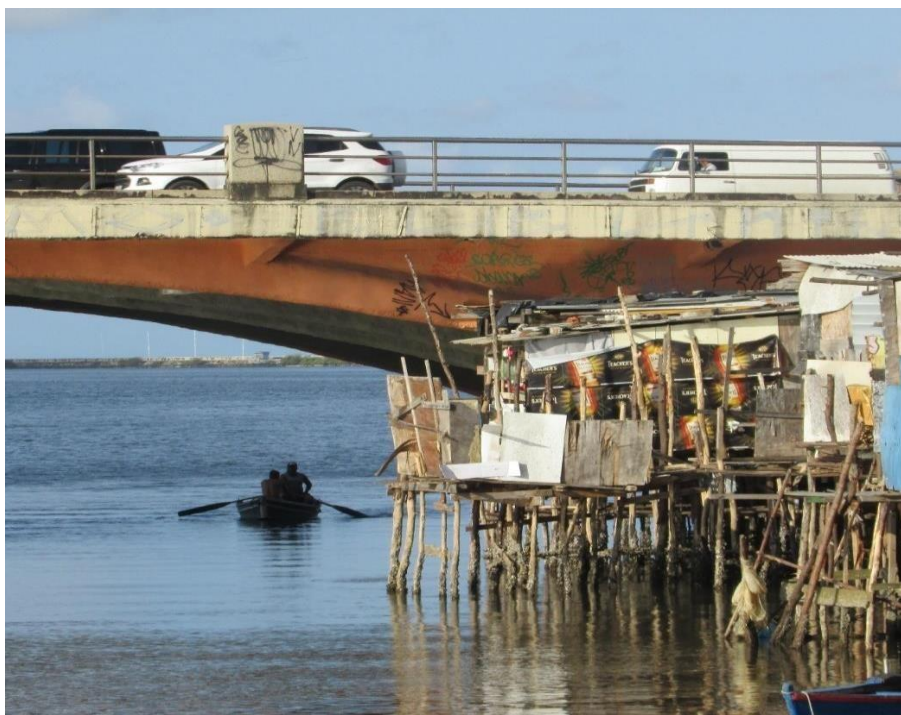
os planejadores urbanos e ambientais, ao intervir nas paisagens, de acordo com as suas representações, não consideram a realidade vivenciada por esses grupos culturais, ou seja, o significado que elas têm para eles gerando assim, conflitos, pois as paisagens não são vistas por esse grupo da mesma forma. Nesse sentido considerar a confecção dessas paisagens como resultados das várias expressões culturais devem fazer parte das práticas de planejar urbano (MAYRINCK, 2005, p. 9157).

Os planejadores urbanos se apoiam no capital, no modelo de urbanização vigente e atendem em seus projetos a grupos hegemônicos que na edificação de suas paisagens impõem sua identidade e promove a invisibilidade de outros grupos sociais, como é o caso das palafitas na vizinhança do shopping RioMar.

Refletir os avanços do espaço urbano é, antes de tudo, compreender que a cidade é uma estruturação com uma pluralidade de significados: constitui lugar de todos os trabalhos, anseios e vivências o que impacta diretamente na formação das paisagens.

A Figura 18 fala muito a respeito de uma comunidade que ficou invisibilizada com a presença da paisagem dominante na bacia do Pina nas vizinhanças do shopping RioMar, como é o caso da comunidade de pescadores e marisqueiras que sofreu um incêndio no ano de 2022. Mas, o que significa a invisibilidade da comunidade em foco?

Figura 18 – A invisibilidade da antiga Comunidade de Palafitas do Pina



Fonte: o autor (25 de setembro 2017).

Utilizamos o conceito de invisibilidade no sentido da indiferença por parte da sociedade, o que nos leva a conceber que tal realidade atinge especificamente a um grupo que se encontra à margem da sociedade. Com base na imagem 18, pode-se perceber a indiferença da sociedade com esse grupo de moradores outrora situados as margens do rio.

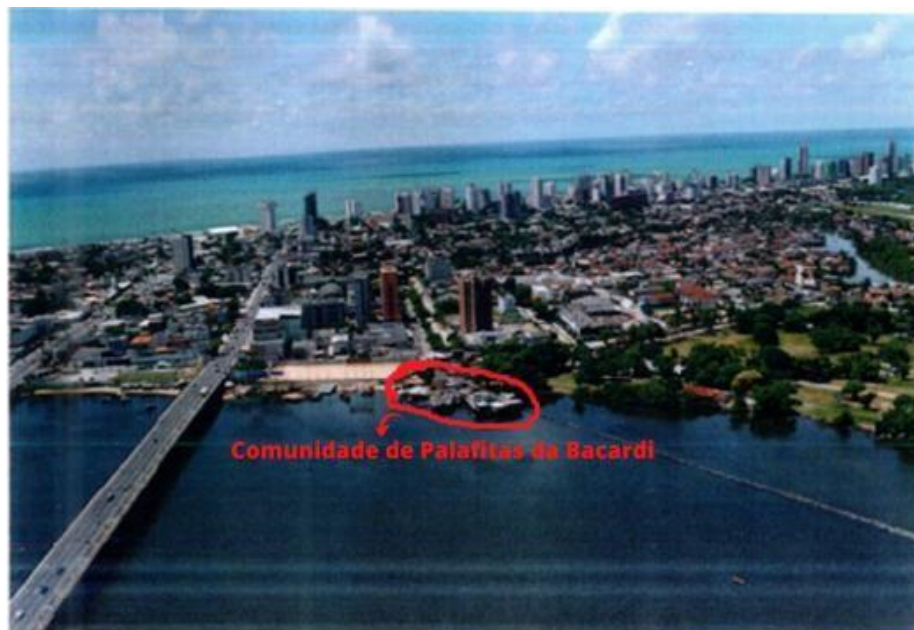
“O desprezo social e o não reconhecimento dão origem ao sentimento de invisibilidade. Na sociedade do espetáculo na qual nós vivemos, o invisível tende a significar o insignificante.” (SÁ, 2008, p. 3).

A imagem aponta de maneira óbvia, a invisibilidade do grupo de pescadores marcando presença na paisagem em questão. Então, ser invisível é não fazer parte do bairro, do todo, mesmo que este grupo deseje e insista em participar.

A pesquisa ratifica a invisibilidade social com moradores das palafitas. É justamente serem vistos apenas fisicamente como incômodos na paisagem, nas margens do rio vivendo em condições precárias, e não como cidadãos de direitos e deveres.

A fotografia aérea a seguir retrata a dinâmica temporal da paisagem e seus impactos.

Figura 19 – Bacia do Pina e os bairros no seu entorno no ano de 2004



Fonte: Moura (30 de março de 2004). Adaptado pelo autor.

A crescente modernização na Zona do Sul da cidade do Recife teve seu auge de transformações espaciais e sociais na segunda metade do século XX. A imagem apresenta uma forte verticalização, adensamento populacional, maiores fluxos de pessoas e serviços, paisagem de cor cinza, constituída de grande carga de concreto o que certifica o forte desmatamento adotado pelo modelo de modernização do espaço.

Verifica-se que a paisagem dominante foi se tornando cada vez mais pujante principalmente, a partir das últimas décadas do século passado, o bairro foi se modificando com foco no empreendedorismo urbano da população recifense, acirrando conflitos urbanos com as comunidades ribeirinhas no que concerne a ocupação do espaço.

A imagem explicita um urbanismo excludente. A comunidade de palafitas em todo percurso histórico se mostrou resistente as mudanças e a sua continuidade às margens do rio. O significado do rio para esse grupo é de sobrevivência.

O boom demográfico do bairro de Boa Viagem entre as décadas de 1970 e 1980 resultou na verticalização do espaço geográfico e de importantes vias de acesso impactaram diretamente sobre o bairro contíguo do Pina. Numa breve retrospectiva do que se passava nos avanços da urbanização e na dinâmica da paisagem, Wilson Cano fez uma breve contextualização dessa era no país, que

a aceleração da urbanização na década de 1970, aliada a um Estado autoritário que não media esforços para tentar crescer, mas que pouco fazia pelo atendimento das demandas sociais e do trabalhador, tornou aquele processo uma verdadeira urbanização explosiva, em que a dureza do capitalismo e a dimensão ciclópica dos problemas urbanos superaram as antigas formas de acomodação social e fizeram a miséria urbana se multiplicar (CANO, 2011, p.282).

Nesse contexto histórico a expansão do turismo e a chegada do primeiro Shopping de Pernambuco, Shopping Recife, na década de 1980, provocaram fortes transformações nas paisagens. A especulação imobiliária avançava pertinentemente e as paisagens passavam a se tornar um produto de luxo para aqueles que detinham o capital e assim pudessem usufruir da paisagem.

O valor do vento, da nascente, dos cursos de água, do laser, da modernização, cada item desse tornaria a paisagem um ambiente de acesso apenas para a classe abastada. À medida que as paisagens de rio, mar se tornavam produtos da especulação imobiliária a luta pela posse da terra aumentava. Isto ocorria não apenas no Recife, mas, nas cidades brasileiras que vivenciavam o processo de urbanização.

A década de 1990 foi marcante a luta pela posse de terra nessa localidade e, principalmente, a partir da década de 2000, simbolizadas pelas obras do Shopping RioMar, túnel Josué de Castro que liga à avenida Herculano Bandeira com a República Árabe Unida, além da passarela sobre a avenida Herculano Bandeira. Esses objetos da paisagem, obras do Projeto via Mangue corroboraram com a retirada de várias famílias de baixa renda do local.

À medida em que as paisagens foram se edificando e os conflitos emergindo, por conta dos objetos da paisagem que simbolizam o grupo hegemônico, sobrepondo outros grupos que já viviam nesta área geográfica e que estavam perdendo seus espaços, grupos invisibilizados, surgiram as ZEIS-Zona Especial de Interesse Social.

A Lei Municipal de Nº 14.511/1983, artigo 8, inciso IV, criou as Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS); a primeira cidade a criar uma lei no sentido de legitimar as populações menos favorecidas delimitando áreas urbanas que se caracterizam como assentamentos populacionais surgidos espontaneamente, presentes e consolidados, onde são estabelecidas normas urbanísticas especiais no interesse social.

As paisagens de Zeis se tornam áreas de cobiça dos atores hegemônicos, pois os mesmos têm interesses de deslocá-los cada vez mais para as paisagens mais

distantes e que não estão relacionados com o modo de vida ribeirinho. No entanto, essa prática de

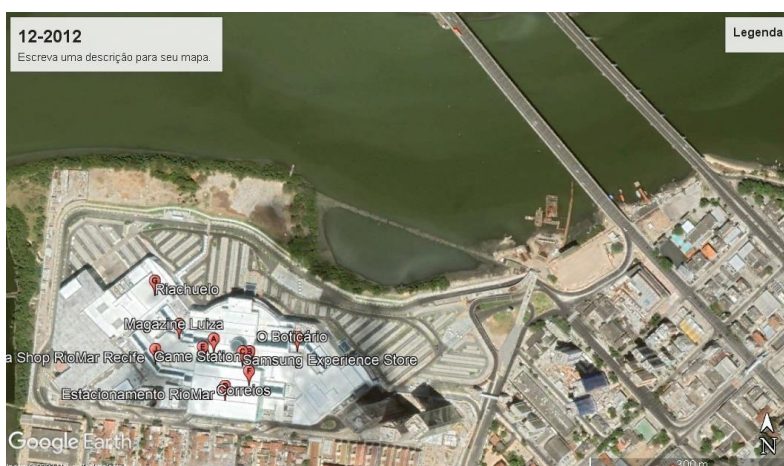
construção de shoppings em territórios vulnerabilidades da cidade não é uma questão nova (...) como exemplo o shopping Recife e o Shopping Tacaruna. Alguns elementos de outrora continuam presentes no que se refere ao Shopping RioMar: Localização em uma área ZEIS, cuja população não tem condições materiais de consumo que o empreendimento exige, provocando processos de especulação imobiliária e expropriação, bem como o fato de sua localização no entorno do Mangue e da Bacia do Pina deixar registrada, mas uma drástica intervenção urbana nos elementos físico-naturais da cidade. A flexibilização das legislações também é um dos aspectos que compõem o histórico desses empreendimentos (SILVA, 2014, p. 51).

Diante do exposto, fica nítido que o bairro do Pina se tornou um local que passa por décadas de grandes especulações imobiliárias, expulsando as pessoas de baixa renda.

As diversas obras que vêm ocorrendo no bairro do Pina e nos arredores, há décadas ou até mesmo, há séculos, acabam sempre prejudicando as pessoas de baixo nível socioeconômico, pois, sempre são retiradas de maneira injusta, seja com indenizações irrisórias, apenas com auxílios, sobretudo, não respeitando o modo de vida e os laços afetivos dos moradores com o lugar.

A Figura 20 indica a construção de uma alça que impactou negativamente na comunidade de palafitas, pois, a referida comunidade foi retirada com o andamento das construções do Shopping RioMar, a alça da ponte que dá acesso à Via Mangue e das pistas da Via Mangue.

Figura 20 - Imagem de satélite destaca o desaparecimento da antiga comunidade de Palafitas da Bacardi, a presença do Shopping Rio Mar e da alça da Ponte que dá acesso à Via Mangue no ano de 2012



Fonte: Google Earth (dezembro de 2012).

Diversos impactos foram previstos durante o estudo do Projeto da Via Mangue, abordaremos o impacto da desapropriação e distribuição da população que habitava as palafitas. Conforme o RIMA a

desapropriação causará impacto positivo na qualidade da água, porque a retirada da população ribeirinha diminuirá o lançamento de materiais/substâncias poluentes no estuário. Esse impacto pode ser maximizado retirando-se o lixo já encontrado nas águas e fazendo-se também a dragagem corretiva de áreas que estejam assoreadas, com entulhos etc. Deve-se ainda, como medida maximizada a evitar a reocupação da faixa de domínio da via (RIMA, 2009, p. 101-102).

Segundo o documento, as desapropriações dos ribeirinhos foram vistas como salutares, pois, tal procedimento, evitará que o lançamento de materiais e substâncias lançados no rio serão resolvidos. E esse tipo de impacto não ocorrerá novamente, principalmente, se não os deixar retornar ao local.

Neste estudo compreende-se uma responsabilização deste tipo de impacto por parte da população ribeirinha. Mas será que esses ribeirinhos produzem impactos numa escala significativa a ponto de atingir a toda a bacia? Ou esse tipo de impacto está diretamente relacionado com o modelo de urbanização? O que podemos ressaltar da imagem de número 21?

Figura 21 –Tubulação ativa de esgoto despejando dejetos diretamente nas águas da Bacia do Pina



Fonte: o autor (29 de dezembro de 2022).

É notório a presença de uma tubulação de esgoto ativa na área que abrigava a Comunidade de Palafitas do Pina, que segundo os relatos dos ex- moradores da comunidade, essa tubulação pertence a um restaurante frequentado por pessoas que detêm boas condições financeiras, estando localizado por trás desse terreno em plena atividade.

Os estereótipos criados nas comunidades ribeirinhas, como os grandes culpados pela destruição ao meio ambiente, acabam sendo usados como pretextos para a remoção dessas comunidades, com o objetivo de “ofertar mais dignidade” para as pessoas, como afirma o RIMA (2009), que devido às precárias habitações das palafitas, estas serão retiradas para fornecer uma melhor qualidade de vida para as pessoas.

A questão não é concordar com a existência das precárias vidas dos ex- moradores da antiga comunidade ou de qualquer outra, mas refletir o direito da permanência e da existência de comunidades e populações tradicionais, pois, se existem estudos para ocupação de grandes empreendimentos porque não se faz o mesmo para as comunidades de pescadores?

Numa análise temporal da paisagem as alterações na área geográfica da bacia do Pina foram muito significantes. Refletiremos com base nas figuras de nº 22, 23 e 24.

Figura 22 – A dimensão das Palafitas no ano de 2011 as margens do rio com a chegada do Shopping RioMar



Fonte: Google Maps (maio de 2011)⁶.

⁶ Imagem captura do site Google Maps em 20 de novembro de 2022.

Neste período que compreende o ano de 2011, a Figura 22 aponta para uma pacata comunidade de pescadores vizinhos do recém-inaugurado Shopping RioMar. Situados entre, a Ponte Paulo Guerra e a Ponte Agamenon Magalhães conhecida como ponte do Pina. A imagem mostra um número pequeno de famílias as margens do rio.

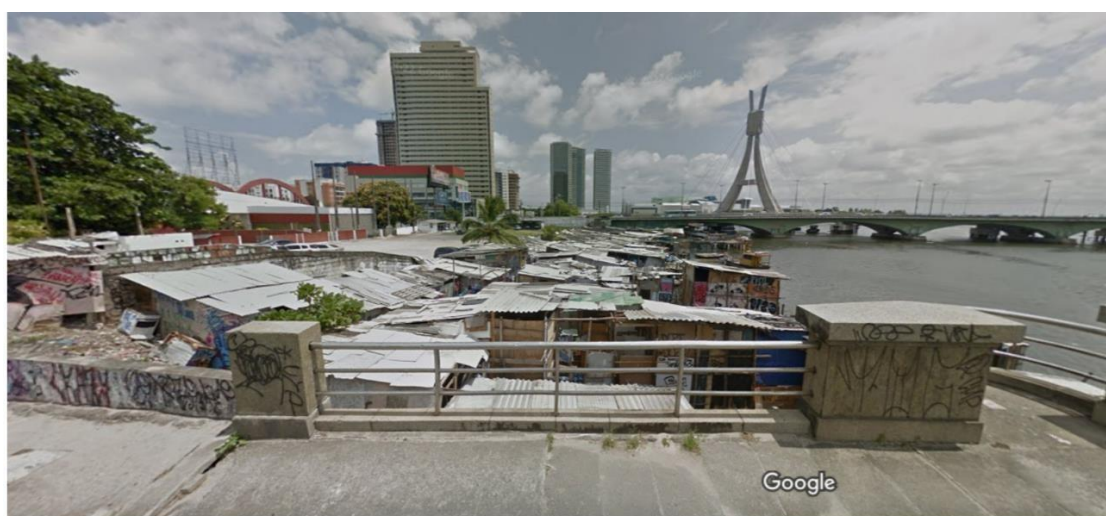
Figura 23 – Aumento gradativo da antiga Comunidade de Palafitas do Pina no ano de 2014



Fonte: Google Maps (fevereiro de 2014).

As figuras 22 e 23 apontam para uma mudança muito rápida da paisagem em um intervalo curto de poucos anos, pois ocorreu um crescimento expressivo da população para as margens da maré. A que podemos atribuir a essas mudanças tão rápidas?

Figura 24 - Crescimento do número de famílias no rio no ano de 2015



Fonte: Google Maps (fevereiro de 2015).

A chegada de novas famílias ao rio é um reflexo de como os atores hegemônicos distribuíram os antigos pescadores para outras áreas da cidade. A reportagem do Diário de Pernambuco diz que

a maior parte dos novos moradores que chegam é de pescadores desapropriados de Brasília Teimosa e transferidos para o Casarão do Cordeiro, na Torre que optaram por abandonar o conforto da casa de alvenaria para estarem mais próximos do seu sustento. Quem ainda não voltou para o Pina é porque não teve oportunidade. É o caso do pescador Anderson dos Santos Ferreira, 26 anos. Profissional “de carteira” como se refere a si mesmo, ele diz que sair de perto do mar foi um dos maiores sofrimentos de sua vida. “Eu nasci e me criei em Brasília Teimosa. Meu pai e meu avô, que já morreram, eram pescadores. Meus tios também eram, mas depois que vieram para cá tornaram-se biscateiros de ferro velho. (VASCONCELOS, 2014, online).

Com base na reportagem e no relato de pescadores evidencia-se o modo de vida da população ribeirinha quando foi retirada do rio e que com a chegada dos novos empreendimentos não ocorreu uma preocupação com o cotidiano de vida dessas pessoas, no que diz respeito a forma de trabalho e de sobrevivência. A percepção dos atores hegemônicos é de que uma residência de alvenaria produziria nessas pessoas a felicidade plena e resolução dos problemas.

Figura 25 – A verticalização das Palafitas do Pina



Fonte: Google Maps (janeiro de 2022).

A busca pelo modo de vida na maré somado a fatores como os elevados custos de moradias nos novos conjuntos habitacionais entre eles, pagamento de

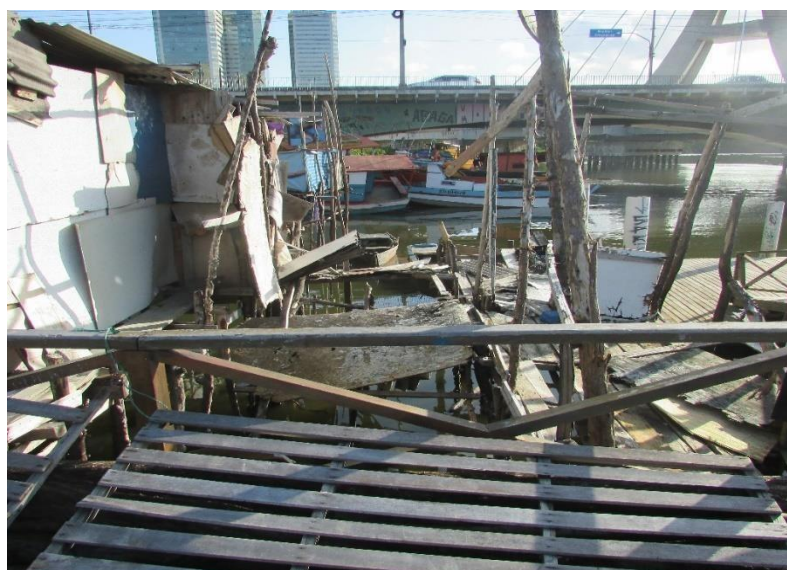
energia, água, condomínio e o próprio processo de habitação ao novo ambiente colaborou para o processo de crescimento horizontal e vertical da comunidade de palafitas. Salientamos que a verticalização nesta comunidade foi pontual com o propósito de abrigar algumas famílias, onde foi verificado durante a pesquisa de campo.

A imagem apresenta um volume considerável de famílias ocupando e adentrando as margens do rio. Paisagem de forte contraste social. Exuberância paisagística em todo seu entorno e invisibilidade em todo trecho da margem. Verticalização da comunidade de palafitas pois, as margens do rio foram totalmente ocupadas.

Identifica-se um movimento de resistência por parte da população ribeirinha, resistência pelo modo de vida tradicional, sendo a pesca sua principal atividade e fonte de sobrevivência, afetividade com o lugar, uma vez que a maioria dessas pessoas nasceram e cresceram neste ambiente e tem forte laços de afetividade com o rio no seu cotidiano de vida.

A comunidade invisibilizada sofreu muito com ausência de infraestrutura e lazer, visto que só de caminhar pelas vielas do local, que eram erguidos com tábuas de madeira sob as águas, as madeiras apodreciam e representava um risco todos os dias para cada morador. Podemos observar como essas pessoas viviam no seu dia a dia para sobreviver.

Figura 26 – Estrutura das antigas palafitas



Fonte: o autor (25 de setembro de 2017).

A Figura 26, mostra a estrutura precária da antiga comunidade. Compreende-se que neste cenário de resistências e conflitos, a comunidade de palafitas sofreu muitas tragédias, problemas de cheias do rio, afogamentos de criança, retirada compulsória e por última a maior de todas as tragédias o incêndio que destruiu toda a comunidade.

Figura 27 – Incêndio na antiga Comunidade de Palafitas do Pina

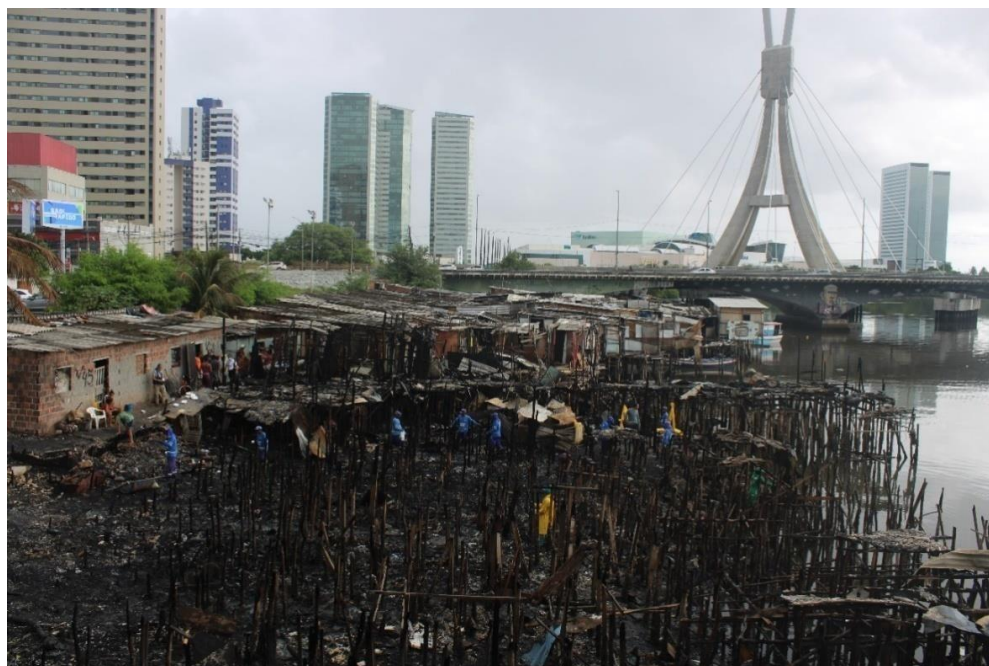


Fonte: Allmeida (2022)⁷.

A Figura 27 exhibe o momento exato que a Comunidade de Palafitas do Pina está em chamas, fato ocorrido no dia 06 de maio de 2022, nesse registro pode ser notado que algumas pessoas estavam tentando apagar o incêndio usando barcos, água do rio e baldes.

⁷ A fotografia utilizada na Imagem 27 encontra-se disponível em:
<www.folhape.com.br/noticias/incendio-atinge-palafitas-no-pina-na-zona-sul-do-recife/225966/>

Figura 28 – Comunidade de Palafitas do Pina após o incêndio



Fonte: o autor (07 de maio de 2022).

Já a Figura 28 mostra a paisagem do dia seguinte (07/05/2022), da Comunidade de Palafitas e seu entorno após o incêndio, contendo todo o estrago provocado por essa tragédia devido a precariedade do local, construído com madeira, plástico e papelão (materiais que conseguem propagar o fogo rapidamente), além das fiações clandestinas usadas para levar eletricidade para o local.

Com o incêndio, a comunidade foi parcialmente destruída, porém, a Prefeitura do Recife decidiu retirar todos os moradores do local, demolindo o restante dos barracos que haviam sobrado. Foi a brecha que o poder público encontrou de retirar essa comunidade da entrada/saída do bairro do Pina, que na visão de muitos grupos hegemônicos, enfeiam as paisagens da cidade.

Figura 29 – Retirada das últimas casas da Comunidade de Palafita



Fonte: Campos (2022)⁸.

A Figura 29 mostra a demolição das residências de alvenaria que existiam coladas aos muros de estabelecimentos na vizinhança do bairro, o trabalho rápido para a limpeza do local e a exclusão da paisagem. A próxima imagem indica uma nova paisagem com as margens dos rios sem as palafitas.

Figura 30 – Área da antiga Comunidade de Palafitas do Pina após a limpeza



Fonte: o autor (29 de dezembro de 2022).

⁸ A fotografia utilizada na Imagem 29 encontra-se disponível em:
<<https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2022/07/15035770-ultimas-casas-da-comunidade-do-pina-incendiada-ha-2-meses-no-recife-sao-demolidas-saiba-o-que-deve-ser-feito-no-espaco.html#:~:text=Agora%2C%20nessa%20semana%2C%20as%20casas,para%20se%20mudar%20do%20local>>

Na Figura 30, indica-se o local em que, por muitos anos, dezenas de famílias viveram nesse pequeno espaço entre duas pontes, onde a maioria tirava o seu sustento da própria maré. Então, pergunta-se: como na antiga Comunidade de Palafitas do Pina ocorreu a transformação da paisagem invisibilizada e excluída, em face das ações envolvendo os moradores e o poder público?

“Como indica o termo, a exclusão de uma cultura tratada como marginal, refere-se à simbologia incidida na paisagem por grupos sociais periféricos do [...] que, deixam como herança simbólica marcas riquíssimas nas paisagens” (SHISHITO, 2017, p.22).

Nas lentes de Cosgrove, a paisagem deve ser entendida de forma crítica sem deixar de revelar seu lado simbólico e cultural, instigando a compreensão geográfica como no caminho a seguir.

As paisagens tomadas como verdadeiras estão cheias de significado. Grande parte da Geografia mais interessante está em decodificá-las [...]. Porque a geografia está em toda parte reproduzida diariamente por cada um de nós. A recuperação do significado em nossas paisagens comuns nos diz muito sobre nós mesmos. Numa geografia efetivamente humana crítica e relevante que pode contribuir para o próprio núcleo de educação humanística: melhor conhecimento e compreensão de nós mesmos, dos outros e do mundo que compartilhamos (COSGROVE, 1998, p. 236).

Conforme referenciado pelo autor, a dimensão cultural e simbólica da paisagem, diferencia os tipos de paisagens e essa diferenciação é apontada por distintos grupos sociais em especial, entre a paisagem dominante e a paisagem excluída.

Na próxima subseção serão expostas as entrevistas com os ex-moradores da antiga comunidade, além dos resultados oriundos das entrevistas.

5.1 ENTREVISTA COMO OS EX-MORADORES DA ANTIGA COMUNIDADE DE PALAFITAS DO PINA

No decorrer da pesquisa, foram realizadas algumas visitas de campo, nas quais realizou-se e aplicou-se uma entrevista para os ex-moradores da antiga comunidade. A partir daí, seguiremos pela trilha construída durante as atividades de campo da pesquisa para responder de maneira efetiva se a paisagem realmente foi excluída.

As respostas dos entrevistados foram organizadas em quadros. O Quadro 3 apresenta, as características dos sujeitos que residiam na antiga comunidade.

Quadro 3 - Identificação dos sujeitos pesquisados: média de idade, tempo de residência e atividade econômica

| Identificação dos sujeitos pesquisados: média de idade e atividade econômica | | | |
|--|--------------|---------------------|---------------------|
| Moradores | Faixa etária | Tempo de residência | Atividade econômica |
| M1 | 50-60 anos | 10 anos | Pesca |
| M2 | 50-60 anos | 31 anos | Pesca |
| M3 | 50-60 anos | Mais de 30 anos | Pesca |
| M4 | 20-30 anos | 26 anos | Pesca |
| M5 | 50-60 anos | Mais de 30 anos | Pesca |
| M6 | 40-49 anos | 10 anos | Pesca |
| M7 | 30-40 anos | 2 anos | Pesca |
| M8 | 50-60 anos | 12 anos | Ambulante |
| M9 | 50-60 anos | 12 anos | Desempregada |
| M10 | 40-50 anos | 2 meses | Eletricista |

Fonte: o autor (2022).

Conforme os dados coletados, a população entrevistada em sua maioria residem há décadas as margens da bacia do Pina, onde predomina população senil. É importante mencionar que na localidade já existia algumas habitações de alvenaria, presente há mais de três décadas de acordo com os relatos e respostas dos moradores.

Quanto à atividade econômica desenvolvida pelos sujeitos entrevistados, a pesca é a atividade básica dessas famílias. Os moradores 8 e 9 eram comerciantes e pescadores.

O tempo de residência chama atenção para os laços de afetividade dessas pessoas com a paisagem. Trataremos desta questão nos quadros a seguir.

O Quadro 4 aborda o sentimento da população atingida em relação a paisagem excluída com o incêndio e os impactos de sua saída no cotidiano de vida.

Quadro 4 - Qual o seu sentimento com a exclusão da comunidade?

| Moradores | Qual o seu sentimento com a exclusão da comunidade? |
|-----------|---|
| M1 | Muitas lembranças, a liberdade de morar próximo da maré |
| M2 | Tristeza |
| M3 | Tristeza |

| | |
|-----|--|
| M4 | Boas lembranças |
| M5 | Tristeza, pois perdi tudo |
| M6 | Lembrança da casa |
| M7 | Um local bacana |
| M8 | Era o local de trabalho |
| M9 | Tristeza, pois a comunidade era unida |
| M10 | Era um bom local, bem movimentado, agora parou o movimento |

Fonte: o autor (2022).

Na pergunta 2: Qual o seu sentimento com a exclusão da comunidade?

Elencamos três categorias são elas:

- Tristeza;
- Lembranças;
- Local de trabalho.

Os dados apresentados pelos moradores (M2, M3, M5, M9), em suas vozes, mostram que a paisagem foi excluída apenas fisicamente. Elas marcam a memória de cada sujeito de maneira muito própria.

Segundo o dicionário online de Português, tristeza se define pela condição de desgostoso, algo doloroso de viver. Caráter esse que incita essa melancolia dos moradores da antiga comunidade de palafitas.

Os moradores (M1, M4) revelaram o sentimento de lembranças. Como se define a lembrança? Segundo o dicionário online de Português a lembrança é o que guardamos na memória, isto é, as recordações de uma paisagem vivenciada, o que comprova uma cicatriz como marca de luta.

Os moradores (M7, M8, M10) quando questionados sobre os seus sentimentos responderam que era um lugar bacana, de trabalho e de movimento e o incêndio destruiu esse movimento.

Mas o que significa ser um lugar bacana? Segundo o Dicionário Online Português, ser bacana é algo agradável, qualidade de bom, belo, o rio para os moradores da comunidade era belo.

A paisagem é uma categoria de análise que podemos discernir e elucidar por meio de nossos sentidos (o que é visível, audição, cheiro, sabor, contato, percepção). Os moradores da comunidade diariamente saboreavam o mangue, o rio, com os mariscos e peixes que pescavam e se alimentavam.

A pergunta sobre os impactos na vida cotidiana dos moradores. Confira no

quadro a seguir:

Quadro 5 - Como você pode descrever os impactos no seu cotidiano após a retirada da comunidade do rio?

| Como você pode descrever os impactos no seu cotidiano após a retirada da comunidade do rio? | |
|---|--|
| M1 | A vida piorou na questão financeira, pois, agora tenho que pagar aluguel, conta de água, luz, e só ganho R\$300,00 reais de auxílio. |
| M2 | Houve um aumento na dificuldade, por tudo ter ficado mais distante, além da dificuldade financeira por estar pagando aluguel. |
| M3 | A distância dificultou a atividade econômica. |
| M4 | Dificuldade de acesso, porque estou morando no bairro do Cabanga e tenho que me deslocar de bicicleta entre o local de pesca e a residência. Quando eu morava aqui, não tinha esse deslocamento. A situação também piorou, porque aqui nunca faltava nada, sempre chegava doação para todos e agora está todo mundo espalhado. |
| M5 | Meu marido adoeceu, perdeu as forças por causa dos estresses de ter saído das palafitas, pois éramos mais felizes morando aqui. Agora vivemos de aluguel e não recebemos nenhuma indenização e auxílio, só recebemos um cartão da Prefeitura do Recife sem nenhum saldo. |
| M6 | O trabalho se tornou mais difícil, porque tive aumento nas minhas despesas, além da dificuldade dos furtos que estão ocorrendo com os nossos materiais de pesca, porque a noite ninguém fica aqui para cuidar dos barcos. |
| M7 | Dificuldade por conta da distância do trabalho para casa. |
| M8 | Aumento da dificuldade financeira, pois aqui na comunidade eu tinha um pequeno comércio e trabalhava na pesca, agora eu tive que mudar de profissão. |
| M9 | Teve impacto financeiro, porque aqui não faltava nada, tinha doações para todos, além da presença da cozinha solidária do MST na comunidade. |
| M10 | Diminuiu o trabalho, já que sempre tinha algum serviço para fazer. |

Fonte: o autor (2022).

Categorias observadas:

- Dificuldade financeira;
- Distância entre o local da residência e trabalho;
- Diminuição das atividades econômicas.

Evidencia-se de maneira unânime no Quadro 5, nos discursos dos ex-moradores a vontade de continuar vivendo as margens do rio, pois, essa paisagem

simboliza sobrevivência, solidariedade e trocas.

Outro ponto importante para ser destacado, com relação à entrevista com os ex-moradores da antiga Comunidade de Palafitas do Pina, refere-se a questão de gênero entre os participantes. Dos dez indivíduos que responderam que participaram, sete eram homens e três eram mulheres.

Cosgrove (1998) relata que as paisagens excluídas são aquelas que exibem traços de grupos à margem da sociedade, que procuram estampar um símbolo no espaço por meio de modificações realizadas. O grafite é um exemplo.

O grafite como manifestação cultural foi constituído nesta pretérita comunidade, por um grupo excluído, uma paisagem alternativa que contradizia aos cenários da paisagem dominante circunvizinha.

Figura 31 – O grafite estampado na paisagem alternativa e excluída da antiga Comunidade de Palafitas do Pina



Fonte: o autor (25 de setembro de 2017).

Numa visita de campo à comunidade, na qual realizaram-se os primeiros contatos, com o propósito de conhecer a realidade dessas pessoas, assim como elaborar um produto acadêmico acerca do estudo da paisagem e seus significados simbólicos. Logo, é fundamental a ida do pesquisador ao campo, observando assim as paisagens alternativas, na caminhada pelas palafitas, como é o caso do grafite.

O autor enfatiza que “como cultura dominante, o grafite representa um

conjunto de normas, ações, valores e ideologias” (SHISHITO, 2017, p. 22).

O grafite produzido outrora por pessoas que viviam e frequentavam as palafitas e procuravam deixar a marca, do modo de vida e sobrevivência, de um grupo que destoava do modo de vida de seus vizinhos.

Compreendemos que a paisagem da comunidade de palafitas para esse grupo foi excluída apenas fisicamente. Os sujeitos pesquisados demonstraram no decorrer da pesquisa que a comunidade de palafitas continua na memória afetiva de cada morador, bem como continuam em forma de paisagens pintadas por grafites sendo objeto de estudo para os geógrafos.

Por fim, fica a reflexão para o engajamento de outras contribuições sobre o estudo da paisagem, no sentido de que os geógrafos se debruçam nesta temática de paisagens excluídas e paisagens alternativas para conhecer e desconstruir estereótipos sobre os grupos populacionais que vivem num modo de vida tradicional e seus significados como grupo existente na paisagem possam ser valorizados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida teve o objetivo de compreender as mudanças na paisagem da antiga Comunidade de Palafitas do Pina no entorno do Shopping RioMar. Saber sobre seu modo de vida, pois, a décadas faziam parte dessa paisagem, e sobretudo, pela retirada abrupta devido a tragédia do incêndio que atingiu toda comunidade.

Para esse propósito, apoiamos-nos nas inquietações que a paisagem que já era invisibilizada e desapareceu como elemento da paisagem. Os resultados também apontam que a paisagem passou por várias modificações em décadas e séculos.

A paisagem acompanhou distintos contextos históricos e suas transformações, e planejamentos de cunho urbano, como indica o RIMA foram pautadas em ideologia dominante que atendam aos interesses dos grupos dominantes.

Ao finalizarmos este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), percebemos que há, descaracterização da paisagem de palafitas deste recorte espacial, predominado os aspectos socioeconômicos e as identidades da paisagem dominante.

Outro aspecto, revelador é que a realocação dos moradores para diferentes bairros com distintas indenizações, pagamentos de auxílios, promoveram a saída definitiva da comunidade de pescadores da localidade.

Nesse sentido, o estudo revelou que os significados simbólicos para os moradores que viviam nas palafitas foram ignorados pelos atores hegemônicos.

Numa análise temporal, a constituição da comunidade de palafitas do Pina nas lentes da invisibilidade marca sua trajetória histórica. No passado a área geográfica da bacia do Pina era reduto de negros foragidos, desempregados, ambiente de refúgio de pessoas com doenças infecciosas, portanto, um lugar pouco atrativo para a classe abastada fixar residência.

Os dados analisados indicam que os ribeirinhos por décadas labutaram para serem aceitos e participarem ativamente na paisagem. Pois eram retirados e retornavam as margens do rio.

Vale lembrar que essa tendência de excluir grupos que viviam de maneira tradicional foi abraçado no período da ditadura militar, pois, na atualidade as ideias de exclusão por parte dos grupos dominantes continuam acesas com chamadas fortes,

porém, o que difere no cenário vigente são as práticas executadas pelos atores hegemônicos, neste caso, a Prefeitura da Cidade do Recife, em “dialogar” com os moradores das palafitas, como também, os requisitos para as indenizações mesmo sendo irrisórias, o auxílio moradia, não contemplou uma política pública direcionada a essa comunidade que vise o modo de vida da pesca.

Os dados analisados neste estudo indicaram que os impactos negativos foram monstruosos no cotidiano de vida da comunidade atingida. Em seus discursos se mostraram muito tristes pela ausência de trabalho e o fato de constituir novas despesas em suas chegadas as novas moradias. Em suas percepções e vozes o rio é seu meio de produção, ou seja, de sobrevivência.

Observamos que o sentimento com a exclusão da paisagem em relação aos sujeitos entrevistados, foi de que a comunidade deixou de existir apenas na localidade. Em suas vozes muitas lembranças, a rede de solidariedade entre os moradores, a presença da cozinha solidária, os pescados como fonte de renda estão eternizados em sua memória.

Percebeu-se, também, que alguns moradores apresentaram posturas diferentes quando a Prefeitura da Cidade do Recife, iniciou o pagamento das indenizações. Pois, quem possuía casas de alvenaria recebeu indenização maior, porém, existia hierarquias entre os moradores das palafitas, ou seja, àqueles que eram comerciantes e possuía mais de uma casa de alvenaria então, receberam indenizações diferenciadas e por tanto, investiram com a construção de casas em comunidades vizinhas entre elas, a comunidade do Bode. Essa comunidade recebeu muitos moradores das palafitas.

Quanto à percepção e as atitudes entre os moradores, de maneira geral, evidenciaram-se distinções no pensar e agir com a retirada definitiva da comunidade da vizinhança do Shopping RioMar. Porém, alguns entendimentos, tem a necessidade de refletir no que diz respeito à postura de alguns moradores que em seus discursos afirmam que o rio é um meio de sobrevivência.

Nesse sentido faltou um pensamento coletivo e organização que desencadeasse um movimento de resistência, momento este, que a Prefeitura da Cidade do Recife estava aberto ao “diálogo”, para levarem propostas alternativas de continuar como população ribeirinha, pois, o rio era a fonte de renda para tal comunidade.

Essas preocupações com as posturas diferenciadas entre os moradores ou

mesmo opostas, na comunidade colaboraram negativamente no sentido de enfraquecer o modo de vida tradicional de um determinado grupo. Mesmo assim, alguns moradores da antiga comunidade de palafitas continuam com suas práticas, no Rio Capibaribe e Bacia do Pina, buscando por sua sobrevivência.

Um outro ponto de destaque está em refletir que a sociedade também não se mobilizou para chamar atenção dos atores hegemônicos no que diz respeito ao modo de vida ribeirinho de determinados grupos. Me coloco como alvo de críticas, pois, sou parte integrante da sociedade. Estamos cada dia mais individualistas, isso é péssimo para condição humana.

Nenhum dos sujeitos envolvidos neste trabalho mostrou-se resistente em expor seu cotidiano de vida e impactos sofridos com a tragédia e as ações da Prefeitura com a retirada da comunidade. Nessa etapa de investigação, porém, os entrevistados não se mostraram inquietos no que se ia perguntando sobre seus pontos de vistas em relação aos fatos ocorridos na Comunidade.

Ao realizar esse trabalho de pesquisa constatamos que os questionamentos foram respondidos. Estes resultados, no que se refere, contribuem o acordar de novas inquietações e trajetórias que oportunizamos da monografia para novos conhecimentos.

Aprofundar acerca do estudo da paisagem pelo pensamento de Dênis Cosgrove, com as considerações que compreendam que a Geografia está em toda parte e que os caminhos que estão sendo construídos com os diferentes tipos de paisagens, devem se fundamentar no estudo das paisagens por meio das transformações, influências, e ações dos atores protagonistas que estão sustentando as novas formas da paisagem. Por último, provocar a conhecer e aprofundar essas trajetórias sobre o estudo em foco, e assim possibilitar o avanço das discussões dos pesquisadores sobre paisagens dotadas de um modo de vida tradicional.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L. R.; PEREIRA, M. C. de B. Impactos socioambientais gerados pela via mangue (Recife-PE) e análise das desigualdades socioespaciais. **Revista de Geografia (UFPE)**, Recife, v. 31, n. 2, p. 26-45, 2014.
- BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. Tradução: Augusto Pinheiro Luís Antero Reto. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, R. **Recife inicia 2022 com segundo maior alta do Nordeste no preço médio do aluguel residencial**: A capital pernambucana ainda tem o segundo maior preço médio de locação entre as capitais. Folha de Pernambuco. 16 de fev. de 2022. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/economia/recife-inicia-2022-com-segunda-maior-inflacao-do-nordeste-no-preco/215878/>. Acesso em: 3 jan. 2023.
- CAMPOS, B. **Retirada das últimas casas da Comunidade de Palafita. Retirada das últimas casas da Comunidade de Palafita**. 2022. 1 fotografia.
- CANO, W. **Ensaio de Geografia Urbana da Cidade do Recife**. Recife: Editora. Massangana, 2013.
- CARLOS, A. F. A. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994, 270 p.
- CASTRO, J. de. **Homens e caranguejos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- CAVALCANTI, C. B. **O Recife e seus bairros**. 5. ed. Camaragibe: CCS Gráfica e Editora, 2012.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 92-122.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 219-237.
- COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORRÊA, R. L.; ROZENDALL (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 222-236.
- COSTA, M. F. da; ARAÚJO; M. C. B. de; SILVA-CAVALCANTI, J. S. **Guia de campo: estuário do rio Capibaribe**. Recife: [s.n], 2015.
- DINIZ, F. R.; ROCHA, D. de M. **A crônica de um desastre anunciado**: As palafitas do Recife só são visíveis quando queimam? Observatório das metrópoles, Rio de Janeiro, 19 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.observatorioidasmetropoles.net.br/a-cronica-de-um-desastre-anunciado-as-palafitas-do-recife-so-sao-visiveis-quando-queimam/>. Acesso em: 30 dez. 2022.
- EMBRAPA. **Clima**. Disponível em: <https://www.cnpf.embrapa.br/pesquisa/efb/clima.htm>. Acesso em: 01 de março de 2023.

FUNDAJ. **Antiga Fábrica da Rum Bacardi no ano de 1962.** 1962. 1 fotografia.

FUNDAJ. **Bacia do Pina e a antiga Fábrica da Bacardi no ano de 1969.** 1969. 1 fotografia.

FUNDAJ. **Bacia do Pina, Fábrica da Bacardi e o surgimento de novashabitacões.** 1973. 1 fotografia.

FUNDAJ. **Obras na Bacia do Pina no ano de 1966.** 1966. 1 fotografia. FUNDAJ. **Imagem aérea da Bacia do Pina no ano de 1976.** 1976. 1 fotografia.

GOMES, P. C. da C. **Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GOOGLE MAPS. **Google. Avenida Antônio de Goes, Recife, Pernambuco.** Disponível em:

<https://www.google.com.br/maps/place/Av.+Ant%C3%B4nio+de+Goes,+360+-+Pina,+Recife+-+PE,+51010-000/@-8.0834346,-34.8886383,3a,75y,197.03h,79.63t/data=!3m7!1e1!3m5!1sKVkkZi0YT-oBu2fpPpYtiQ!2e0!5s20220101T000000!7i16384!8i8192!4m5!3m4!1s0x7ab1f3865dde589:0xef3c1b173ea4c23f!8m2!3d-8.086602!4d-34.885625>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

IBGE. **Posto 1 da Praia de Pina no Recife (PE).** 1957. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=411413>. Acesso em: 10 dez. 2022.

IBGE. **Posto 1 da Praia de Pina no Recife (PE).** 1957. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=411409>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BIBLIOTECA DO IBGE. **[Vista parcial da cidade]: Praia de Pina: Recife, PE.** [19--]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=440888>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

MAYRINCK, A. A paisagem sob a perspectiva das novas abordagens geográficas. *In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA.* 10.

Anais... São paulo: Universidade de São Paulo, 2005. p. 9157- 9162.

MORAES, K. Últimas casas da Comunidade do Pina, incendiada há 2 meses, no Recife, são demolidas. Saiba o que deve ser feito no espaço. **Jornal do Comercio.** 1 jul. 2022. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/perna>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

MOURA, A. **Imagem aérea de parte do bairro do Cabanga, Pina e BrasíliaTeimosa no ano de 1999.** 1999. 1 fotografia.

MOURA, A. **Bacia do Pina e os bairros no seu entorno no ano de 2004.** 2004. 1 fotografia.

MUSEU DA CIDADE DO RECIFE. **Visita de Inspeção do Secretário de Obras Pedro Duene as instalações da Ponte do Pina no ano de 1981.** 1981. 1 fotografia.

PERNAMBUCO ARCAICO. **Antiga Ponte do Pina, Recife década de 1920.**

Facebook: Pernambuco Arcaico. Disponível em: <https://www.facebook.com/PernambucoArcaico/photos/a.270572493063279/839739482813241/?type=3>. Acesso em: 25 dez. 2022.

PEREIRA, O. **Histórias do Pina.** Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2008.

PORTAL FOLHA DE PERNAMBUCO, P. Incêndio atinge palafitas da Bacia do Pina. **Folha de Pernambuco.** 06 maio 2022. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/incendio-atinge-palafitas-no-pina-na-zona-sul-do-recife/225966/>. Acesso em: 02 janeiro 2023.

PREFEITURA DO RECIFE. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife – 2005:** Mapas e Imagens de Satélite (por microrregião): microrregião 6.1. 2005. Disponível em: www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/pnud2005/mapas.html. Acesso em: 10 dez. 2022.

PREFEITURA DO RECIFE. **Pina.** 2012. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/pina?op=NTI4Mg==>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

RECIFE. **Lei de n. 14.511 de 1983.** Define a organização e o espaço urbano para uso e ocupação do solo no Município do Recife. Recife: Câmara Municipal, 1983. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/1983/1452/14511/lei-ordinaria-n-14511-1983-define-diretrizes-para-o-uso-e-ocupacao-do-solo-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 06 de janeiro de 2023.

RIMA. **Projeto Via Mangue.** Consulplan Consultoria e Planejamento, 2009. Disponível em: http://www.cprh.pe.gov.br/downloads/RIMA_FINAL_VIA_MANGUE.pdf. Acesso em: 3 nov. 2022.

SALES, R. G. de. **Paisagem Teimosa:** a construção social da Brasília recifense e a (r)existência do seu amanhã. 2017. 378 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: https://issuu.com/raissag.arquitetura/docs/paisagem-teimosa_raissa_gomes-issuu. Acesso em: 03 dez. 2019.

SHISHITO, Anderson Akio. A Nova Geografia Cultural de Cosgrove e o grafite como proposta de entendimento da paisagem. **Geografia e Pesquisa**, v. 11, n. 2, 2017.

SILVA, A. P. **Da palafita ao conjunto habitacional:** o que muda na vida dos relocados? 2020. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SILVA, K. R. S. da. **A reprodução da geografia social do capitalismo no território do Pina.** 2014. **Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente)** - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Recife, 2014.

TALIS, A. **Fábrica Bacardi Recife:** A Sesmária da fábrica Bacardi vira shopping no Recife. Andrade Talis Word Press, Recife, 31 de agosto de 2011. Disponível em:

<https://andradaetalis.wordpress.com/tag/fabrica-bacardi-recife/>. Acesso em: 25 dez. 2022.

VALE, D. V.; SOUZA, D. R. de; BRAGA, C. A. de. **O estudo da paisagem e os seus significados simbólicos para a população ribeirinha da Bacia do Pina na vizinhança do Shopping RioMar**: Contribuições do PIBID (IFPE- RECIFE). *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. IV. Anais. CONEDU: João Pessoa, 2017.

VASCONCELOS, R. **Famílias voltam as palafitas no Pina**: Pescadores que haviam sido levados para conjuntos habitacionais optaram por volta às moradias precárias ao longo da maré. *Diário de Pernambuco*. 18 de out. de 2014. Disponível em: <http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/noticia/cadernos/vidaurbana/2014/10/familias-voltam-as-palafitas-no-pina.html>. Acesso em: 2 jan. 2023.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ANTIGOS MORADORES DA COMUNIDADE DE PALAFITAS DO PINA



1. Qual a sua idade? Qual o tempo de residência na antiga Comunidade de Palafitas do Pina? Qual a sua principal atividade econômica?
2. Qual o seu sentimento com a exclusão da comunidade?
3. Como você pode descrever os impactos no seu cotidiano após a retirada da comunidade do rio?